



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos e esamos na encruzilhada da nossa história. Acontecem coisas e não esperamos e nos entregamos a nossa identidade e missão.

Comos e Jesus Ressuscitado caminha conosco, abre o nosso coração e nos conduz, ao Sã Pala, a i e a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Leantamo-nos com entusiasmo e adota as linhas da missão, abando a casa dos pobres e dos jovens, oindo se sigios e com a ilhando das doês. E h mildemen e imloamos: Pe manece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

PRIORIDADES

1. Identidade e mística

Pe manece com Jesus e caminha conosco e faz a de o coa o, a a ea o ia -nos do ncleo identi a io da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

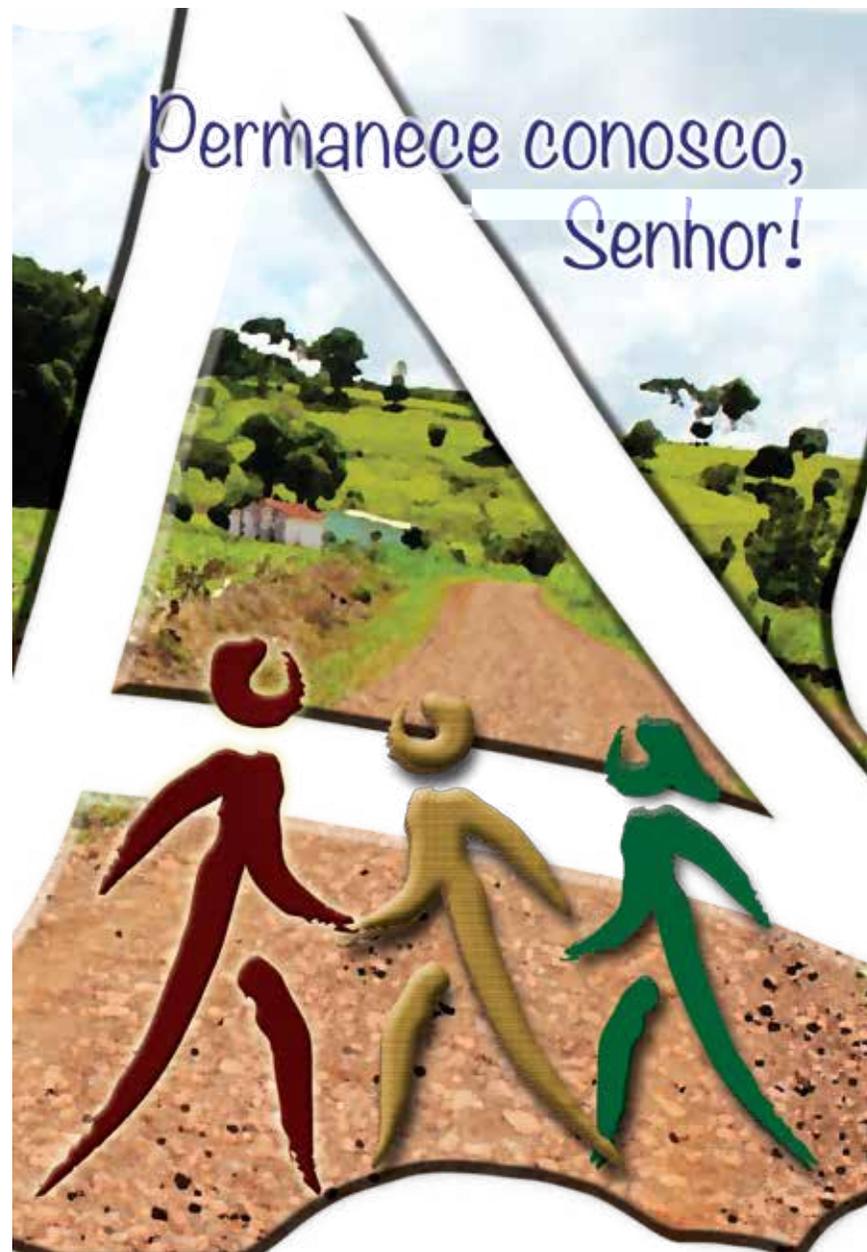
Pioiza a esen a missionaria e a a a o ofeica, nas sias es de fon eia (h manas, geog a cas, sociais e c l iais) e e ife ias, com ênfase na ealidade das j en des e onde a ida e mais amea ada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fo alece a in e cong egacionalidade e o o ciona a a ilha de ca ismas e e e iencias, b scando maio le eza insi cional, em isa da missão.

4. Formação

Q ali ca o o cesso fo ma i o em odas as s as e a as e di mens es, com ênfase nas no as ge a es, no c idado e na hos i alidade, a a h maniza as ela es e i e in ensamen e a m sica e a ofeica.



- A bondade
- Vida Religiosa – Identidade e esperança
- Institutos Seculares no contexto eclesial
- Que espaço de fronteira se abre para nós?

Sumário

Editorial	385
Mensagem do Papa	
Papa Francisco: os cristãos devem se libertar da vaidade, da sede de poder e do dinheiro	389
Baú da Memória	
A bondade	391
Informes	
Apresentação da primeira Revista da CRB, em 1955, antecessora da Convergência	398
Para entender o termo “Convergência”	402
Análise institucional na Vida Religiosa Consagrada	405
São José de Anchieta – Inculcação nos primeiros tempos: um relato de Anchieta	409
São João XXIII e São João Paulo II	412
Dom Tomás Balduino: mãos e pés sujos de terra	416
Brasil pós-ditadura	418
Coletiva de Imprensa na CRB Nacional	421
Artigos	
Vida Religiosa: identidade e esperança	
MÁRIAN AMBROSIO	424
Juventudes e Novas Gerações: protagonismo político!	
RUBENS NUNES DA MOTA	437
Institutos Seculares no contexto eclesial	
MOEMA MURICY	446
Experiência religiosa na internet e midiáticação da religião	
MOISÉS SBARDELLOTTI	456
Que espaço de fronteira se abre para nós?	
ALFREDO J. GONÇALVES	468



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETOR

Ir. Paulo Petry, fsc

EDITOR

Ir. Lauro Daros, fms

REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, stt
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitorio, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília – DF
Tel.: (61) 3226-5540 – Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Coordenação de revisão:
Marina Mendonça

Revisão:
Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:
Ir. Paulo Petry

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual: Brasil: R\$ 110,00
Exterior: R\$ 160,00 • Números avulsos: R\$ 11,50



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 110,00 (para o Brasil)
- R\$ 160,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site crbnacional.org.br, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

Estimadas leitoras e estimados leitores, alegria e paz em Cristo. A *Convergência*, que prima pela diversidade, vem com duas novidades: o Conselho Editorial criou a seção “Mensagem do Papa”, para a abertura da Revista, e a seção “Baú da Memória”, em comemoração aos 60 anos da CRB.

A seção Mensagem do Papa traz a reflexão “Os cristãos devem se libertar da vaidade, da sede de poder e do dinheiro”. O Papa fala sobre as três atitudes condenadas por Cristo: a vaidade, o poder, o dinheiro. Diz que, “Na Igreja, existem pessoas que seguem Jesus por vaidade, sede de poder ou dinheiro”.

A seção Baú da Memória vem com o texto “A bondade”, publicado em 1959, escrito por Pe. Paulo Moreira da Cruz, SDB. Para o autor, “a bondade consiste em querer o bem e em fazer o bem”. “A nossa primeira profissão de homens consiste em sermos bons. Isto é tudo!”

A seção Informes, em comemoração aos 60 anos da CRB, publica a Apresentação da primeira *Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil*, em julho de 1955, antecessora da *Convergência*. A apresentação é escrita por Dom Armando Lombardi, Núncio Apostólico do Brasil em 1955.

Ainda em comemoração aos 60 anos, publica-se “Para entender o termo Convergência”. Em 1968, a Revista da CRB passou a se denominar *Convergência*. O Editorial da Revista de jan./fev. de 1968 faz ampla e bela explanação a respeito do nome Convergência.

No aniversário de 60 anos da CRB Nacional, é oportuno também falar sobre o livro *Análise institucional na VRC*,

escrito em 2005, porque o conteúdo permanece atual e condizente com a missão da Vida Religiosa. Na introdução, Pe. Dalton Barros de Almeida, CSSR, escreve: “Este livro é capaz de fazer história no processo de ‘potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada’, ajudando Congregações e Institutos em suas análises institucionais, em vista da Re-fundação”. O livro pode ser adquirido na CRB Nacional ou nas Regionais.

A CRB presta homenagem a São José de Anchieta, com o texto “Inculturação nos primeiros tempos: um relato de Anchieta”. Duas cartas de São José de Anchieta, a primeira de 1º de setembro de 1549 e dirigida a Inácio de Loyola, e a segunda, de março de 1562, ao novo geral da Companhia de Jesus, Diogo Laínes. Anchieta foi canonizado em 3 de abril de 2014, em Roma, pelo Papa Francisco.

É prestada homenagem também a São João XXIII e a São João Paulo II. Na homilia da Santa Missa de Canonização, em 27 de abril de 2014, Papa Francisco afirmou: “Foram dois homens corajosos, cheios da parrésia do Espírito Santo, e deram testemunho da bondade de Deus, da sua misericórdia, à Igreja e ao mundo”.

A CRB faz homenagem ainda a Dom Tomás Balduino, religioso da Ordem Dominicana, com o poema “Mãos e pés sujos de terra”, de Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS. Dom Balduino faleceu no dia 2 de maio de 2014, em Goiânia, aos 91 anos. Teve papel importante na criação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em 1972, e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975. Foi presidente do Cimi, de 1980 a 1984, e presidente da CPT, de 1999 a 2005.

Nos 50 anos da ditadura militar, em homenagem às tantas vítimas da ditadura, a seção Informes traz “Brasil pós-ditadura”, texto de Frei Beto. Escreve o autor: “Faz 50 anos que o golpe militar, respaldado pela Casa Branca, implantou uma ditadura no Brasil. E 29 que os generais voltaram às casernas. E agora, José, vivemos uma verdadeira democracia?”. Entre outros tantos livros, Frei Beto escreveu *Batismo de sangue*, que se tornou filme.

O tema da CF 2014, desde dezembro de 2013, está presente na *Convergência*. Em 14 de maio, realizou-se uma Coletiva de Imprensa na sede da Conferência dos Religiosos do Brasil, em Brasília-DF, às 9h, com religiosos e religiosas, órgãos e instituições afins, em torno do tema Copa do Mundo e Tráfico de Pessoas. De acordo com as organizadoras, a Coletiva visou sensibilizar e informar a sociedade civil, em especial os grupos mais vulneráveis, sobre o Tráfico de Pessoas e a Exploração Sexual. Objetivou ainda alertar sobre o risco do crescimento do crime e outras formas de violação dos Direitos Humanos durante megaeventos como a Copa do Mundo, e enfatizou o tema da Campanha da Fraternidade 2014: “Fraternidade e Tráfico Humano”.

Na seção Artigos, Irmã Márian Ambrosio, idp, presidente nacional da CRB, de 2007 a 2013, escreve “Vida Religiosa: identidade e esperança”, após um ano da XXIII Assembleia Eletiva da CRB, realizada em julho de 2013. Ela escreveu o texto não para recordar a Assembleia, mas para partilhar seu ponto de vista sobre a Vida Religiosa do Brasil – seus traços originais e seu rosto latino-americano. A autora organiza os pensamentos em três focos: 1. Como percebo os “sentimentos” da Vida Religiosa neste primeiro ano do Papa Francisco; 2. Onde identifico processos que nos vinculam às propostas intuídas ao ouvir e ler o Papa Francisco, quando ele se dirige à Vida Religiosa; 3. Como costumo descrever o rosto atual da Vida Religiosa no Brasil em comunhão com a Vida Religiosa latino-americana.

O artigo de Frei Rubens, “Juventudes e Novas Gerações: protagonismo político!”, quer provocar os leitores e leitoras para pensarem, no ano eleitoral, sobre o movimento das Juventudes e das Novas Gerações (NG) da Vida Religiosa (VR), em nosso país.

Com o título “Institutos seculares no contexto eclesial”, Moema Muricy traz a discussão sobre a natureza da vida consagrada dos Institutos Seculares no contexto eclesial. Suas reflexões baseiam-se na visão teológica de Karl Rahner e Von Balthasar.

“Experiência religiosa na internet e midiaticização da religião” é o artigo de Moisés Sbardelotto. São provocações ao diálogo sobre a missão e a pastoral nas redes digitais.

Finalizando, Pe. Alfredo pergunta: “Que espaço de fronteira se abre para nós?”. O processo de globalização aproximou não apenas capital, tecnologia, mercadorias e serviços, mas também pessoas, culturas, povos e nações. Duas características desse processo batem hoje à porta de todas as comunidades da Vida Religiosa Consagrada (VRC): o reavivamento do sagrado ou das experiências místicas, por um lado, e, por outro, a diversidade e o pluralismo cultural e religioso que, como uma onda, se espalha por toda a terra.

IR. LAURO DAROS

Os cristãos devem se libertar da vaidade, da sede de poder e do dinheiro

“Na Igreja, existem pessoas que seguem Jesus por vaidade, sede de poder ou dinheiro”: palavras do Papa Francisco na missa celebrada esta manhã na Casa Santa Marta.

Em sua homilia, o Papa se inspirou no Evangelho do dia em que Jesus repreende a multidão por procurá-lo somente porque se saciou depois da multiplicação dos pães e dos peixes. O Papa faz a mesma reflexão aos fiéis, questionando se seguimos Cristo por amor ou por alguma vantagem. O próprio Jesus identifica três atitudes que não são positivas ao buscar Deus.

A primeira delas é a vaidade, em especial a dos “dirigentes” que davam esmolas ou jejuavam para aparecer como pavões: “Esses dirigentes queriam aparecer, eles gostavam – para dizer a palavra justa – de envaidecer-se como verdadeiros pavões! Eram assim. E Jesus diz: ‘Não, isto não é bom. A vaidade não faz bem’. E algumas vezes, nós fazemos coisas tentando aparecer um pouco, buscando a vaidade. A vaidade é perigosa, pois logo nos faz cair no orgulho, na soberba, tudo acaba ali. E me faço a pergunta: como eu sigo Jesus? As coisas boas que faço, as faço escondidas ou gosto de aparecer?”. O Papa prosseguiu dizendo que pensa também nos pastores, porque “um pastor que é vaidoso não faz bem ao povo de Deus”: pode ser padre ou bispo, mas não segue Jesus se gosta da vaidade.

Jesus também repreende a multidão por outra atitude: o poder. “Alguns seguem Jesus um pouco buscando o poder, mas não completamente cientes, um pouco inconscientemente, não? O caso mais evidente é João e Tiago, os filhos de Zebedeu, que pediam a Jesus a graça de ser primeiro-ministro e vice-primeiro-ministro na vinda do Reino. E na Igreja

existem os que fazem escaladas. Quem quiser, que vá ao Norte e faça alpinismo: é mais saudável! Mas não venham na Igreja para fazer carreira! E Jesus repreende esses escaldadores que buscam o poder”. “Os discípulos mudam somente com a vinda do Espírito Santo”, observou o Papa, acrescentando que “o pecado na nossa vida cristã permanece, e nos fará bem fazer a seguinte pergunta: como eu sigo Jesus? Somente por Ele, até a Cruz, ou busco o poder e uso a Igreja, a comunidade cristã, a paróquia, a diocese, a congregação... para ter poder?”.

A terceira coisa que nos afasta da retidão das intenções é o dinheiro. “Os que seguem Jesus por dinheiro, com o dinheiro tentam se aproveitar economicamente da paróquia, da diocese, da comunidade cristã, do hospital, do colégio... Pensemos na primeira comunidade cristã que teve essa tentação: Simão, Ananias e Safira... Essa tentação houve desde o início, e conhecemos tantos bons católicos, bons cristãos, amigos, benfeitores da Igreja, inclusive com várias benfeitorias e benemerências... tantas! Que depois se descobriu que fizeram negociações um pouco obscuras: se revelaram negociantes e ganharam dinheiro! Apresentavam-se como benfeitores da Igreja, mas ganhavam dinheiro e nem sempre dinheiro limpo”.

O Papa Francisco, então, concluiu pedindo que o Espírito Santo nos dê a graça de caminhar atrás do Senhor com a retidão de intenções, somente por Ele: “sem vaidade, sem ambição de poder e de dinheiro”.*

em suas criaturas, que lhes serve de meio para voltarem à sua fonte, para retornarem ao seu autor e este é o Amor”.

“Nisto conhecerão que sois meus discípulos, que vos ameis uns aos outros.”

“O amor é a plenitude da lei, e quem ama o próximo cumpre a lei” (São Paulo).

A lei do amor leva Deus a todas as partes. Daqui a transcendência do amor; amar divinamente, “como eu os tenho amado”. Não só amar divinamente, mas amar a Deus nos homens. Daqui também a força da conhecida frase: “Cristo nos pobres”. E devemos amá-los como a Cristo, para chegarmos à unidade do próximo com Deus. “Quem afirmar que ama a Deus e não ama o seu próximo é mentiroso” (São João).

A caridade, o amor, a bondade, constituem um vínculo doce e saudável que ilumina a inteligência e inflama o coração.

Com ela o indigente é rico e, sem ela, o rico é pobre. A caridade faz-nos fortes nas adversidades, moderados nos êxitos, tranquilos na luta contra as paixões, alegres em percorrer os caminhos da virtude. Nas tentações é escudo; no serviço do próximo é generosa. É serenamente alegre com os bons e heroicamente suportadora dos males.

Amor, caridade e bondade! Quem diz que está na luz e odeia seu irmão, até agora está nas trevas (São João). O amor não se explica. Vive-se. Donde se conclui que o amor do Cristianismo não provém do fato de ele possuir a divina doutrina do amor, mas porque ele é uma vida de amor, de caridade e de bondade.

O amor é vida, é perfeição, é plenitude. Cadáveres ambulantes são todos aqueles que pretendem passar por cristãos, quando não ajustam a sua vida no amor, na bondade. “Quem não ama permanece na morte” (1 Jo 3,14).

Se todos procurassem amar uns aos outros com a caridade e bondade do Divino Mestre, então o paganismo hodierno seria com a mesma exclamação que pronunciaram os pagãos em Roma, com relação aos primeiros cristãos: “Olhem como se amam!”.

Todos os Evangelhos e escritos dos Apóstolos traduzem a primazia do amor e da bondade, não só na doutrina, mas, sobretudo, na vida. Eis, resumidamente, a caridade, que é amor, que é bondade.

Passemos agora a considerações mais precisas sobre a bondade como tal.

Bondade, expressão da personalidade!

Queremos ser grandes? Por que então não principiar com o sermos bons?

“O homem é a perfeição do universo; o espírito é a perfeição do homem; o amor é a perfeição do espírito; a caridade é a perfeição do amor” (São Francisco de Salles). Daqui a conclusão: se começarmos pela bondade, chegaremos pouco a pouco a uma extensão da personalidade que será plenitude de verdade e de bem.

A bondade, com efeito, possui misteriosas irradiações espirituais, é tão suave e encantadora, tão modesta e firme, que somente ela sabe dar asas aos nossos pensamentos, sabe estimular nossos afetos e sabe arrancar do nosso coração infinitos recursos para o bem.

A bondade participa do poder e da beleza do amor; possui a perfeição espiritual e o poder dos milagres, oriundos da santidade. Possui grandes intuições. Assim, quando um coração bondoso se aproxima de nós, vem carregado das insondáveis energias do amor e da santidade. A luz maravilhosa que irradia o coração bom circunda a todos, opera transformações inconcebíveis. A bondade assimila o bem e o irradia.

Mas a bondade, como fator de expansão da personalidade, tem seus inimigos: a soberba, falta de espírito de sacrifício e impureza. A bondade reinará se conseguir a tríplice vitória sobre seus inimigos. Então a humildade, o sacrifício e a pureza constituirão a trilogia sobre a qual se assenta a legítima bondade.

A soberba, o egoísmo em todas as suas formas e a impureza são três vícios que encerram a personalidade dentro dos limites da destruição e da morte. Livrando-se desta tríplice

394

escravidão, goza-se de uma paz sem limites, prometida por Nosso Senhor.

A soberba rouba a paz; o egoísmo mata a paz; a impure-

395

CONVERGÊNCIA

métodos psicológicos que foram superados por um só gesto de bondade.

Todo o caráter de um homem se forja em seus pensamentos. Cada indivíduo é mais filho de seus pensamentos do que de seus pais. “Quem pensa habitualmente com pensamentos de bondade não está longe de ser santo.”

Palavras bondosas! Nem sempre podemos fazer chegar à via dos fatos nossas boas intenções. Nada, porém, nos impede de chegar a todos e em qualquer momento com uma palavra que exprima os nossos melhores e sinceros desejos.

A palavra chega a todos e pode expressar tudo. “Tão importante é esta ação das palavras bondosas, que elas encerram em si a mensagem mesma de Deus; a redenção, a fé, a doutrina da Igreja, isto é, tudo o que Deus-Amor quer comunicar para salvar os que o amam.”

A palavra chega à inteligência e ao coração. Arranca as almas da ignorância levando-as até Deus. Põe bálsamos nas feridas, luz nas mentes, agilidade nos membros, liberdade nas cadeias que nos prendem.

O nosso falar seja doce, franco, claro, sincero, natural e veraz. Só assim tem ele dignidade e pode, então, ser chamado cristão.

“A nobreza sobrenatural das nossas almas deve manifestar-se no encanto das palavras impregnadas de verdade e de amor.”

A bondade também se manifesta no exercício do bem. A força da palavra são as obras (São Bernardo). Santo Agostinho acrescenta: “falar mais com as obras do que com as palavras”. Foi este o modo divino de proceder do Bom Mestre, do Mestre divino: “Jesus começa a fazer e a ensinar”.

Trabalhar é dar algo de si mesmo. Dar uma dádiva material ou espiritual; dar uma palavra, um sorriso, um olhar bondoso, o melhor do nosso tempo, o melhor de nosso espírito. É dando que se recebe. “Tudo o que fizerdes a um destes pequenos, a mim o tereis feito.” São João é claro e preciso: “Filhinhos meus, não amemos só de palavras e com a língua, mas com obras e em verdade” (1Jo 3,18).

Nosso Senhor nos traçou o caminho do bem e da verdade. O Catecismo nô-lo recorda quando diz: “Dar de comer a quem tem fome, e de beber a quem tem sede, dar de vestir ao desnudo, pousada ao peregrino; visitar os enfermos e os encarcerados e enterrar os mortos”.

Não esqueçamos o provérbio da Bíblia: “Agrada mais a Deus a prática da caridade e da justiça que o oferecimento de vítimas (Prov. XXI, 3).

“Enquanto temos tempo, façamos o bem” (São Paulo). Sejamos bons, vivamos na bondade.

Concluamos. Todos têm ânsia de felicidade. É o sonho dourado de todas as idades. Mas qual é a nossa verdadeira felicidade? Deus, princípio e fim da vida humana. Como chegar até Deus? Caridade, amor, bondade. O mundo quis construir-se sem virtudes; e o resultado? Agoniza na podridão dos vícios. Mas junto a tantas trevas há também luz, muita luz. Essa luz são as almas que o conheceram no próprio caminho e tiveram coragem de forjar-se na virtude. Almas que souberam triunfar. A bondade constitui para ela a glória e a felicidade. São cópias daquele que é Verdade e Amor. Por isso o mundo ainda se sustém, porque há *almas boas*. “Não esqueçamos os dez justos da Bíblia que podiam ter impedido a destruição e o castigo.”

Estas palavras não são somente para finalizar. São um chamado. O campo está aberto. Fazem falta almas valentes que deixem de sonhar em reformar o mundo, para começar a reforma de si próprias; almas que comecem o trabalho da própria transfiguração; pois uma alma que se eleva, eleva consigo o mundo”.

Caminhemos em caminhos de luz! Cantemos com nossas obras a glória daquele que se fez reflexos vivos da sua *Divina Bondade!**

PE. PAULO MOREIRA DA CRUZ, SDB

* Fonte: Revista da CRB, maio, 1959, p. 293 a 297.

Apresentação da primeira Revista da CRB, em 1955, antecessora da Convergência

Em julho de 1955, foi lançada a Revista da Vida Religiosa Consagrada, antecessora da Revista *Convergência*. Em homenagem aos 60 anos da CRB Nacional, publicamos o texto integral da Apresentação da Revista feita por Dom Armando Lombardi, Núncio Apostólico do Brasil em 1955.

“É-me particularmente gratoabençoar e apresentar aos Religiosos e Religiosas do Brasil a Revista que a ‘Conferência dos Religiosos’ desta Nação propõe publicar mensalmente, como órgão oficial e como útil meio de formação e informação para todos os seus membros.

Numa época em que, também nos arraiais católicos, as publicações periódicas se multiplicam, faltando tempo e boa vontade para lê-las, seríamos tentados a desejar a supressão de algumas, e não o aparecimento de novas. Entretanto, no caso presente, não podemos senão nos alegrarmos pelo surgir de um revista que vem a lume com finalidades bem determinadas e u’a missão específica bem clara.

As Ordens e Instituições religiosas, no sentido mais amplo dado atualmente à expressão, estão atravessando uma fase de excepcional importância na sua história e na história da própria Igreja, a *provida Mater* que em todos os tempos trouxe à luz novas famílias de religiosos e de apóstolos, com as características pedidas pelas necessidades e exigências da época.

Quem tem acompanhado a atividade da Santa Sé neste último decênio, não pode deixar de se impressionar com o lugar que ocupam os religiosos nas preocupações, cuidados e solitudes do Santo Padre e das Sagradas Congregações Romanas. Bastará recordar a aprovação jurídica dos ‘Institutos Seculares de Perfeição’, e as inovações na vida de clausura, a

celebração dos Congressos Internacionais e nacionais de religiosos e das religiosas, a instituição das Federações e das Conferências dos Religiosos, as reformas introduzidas nos hábitos e nos métodos, usos e costumes de muitas Congregações, as recomendações constantes do Santo Padre para o trabalho de ‘atualização, exigido pelas dificuldades e necessidades da hora que passa’.

Essa atitude materna da Igreja para com os religiosos, afirmada e tão amplamente desdobrada neste último decênio, não encontra paralelo na história da Igreja nestes últimos tempos.

Tendo presente a distinção dos membros da Igreja em clérigos, religiosos e leigos (cf. Cân. 107 do C.I.C.), ousaria dizer que se os cuidados e solitudes do Pontificado Romano, do início do nosso século até a primeira guerra mundial (S. Pio X), se dirigiram de preferência aos clérigos; no primeiro entre a primeira e a segunda guerra (Pio XI), vimos como objeto de preferência, os leigos; e finalmente se diria que, no período posterior à segunda guerra mundial, o Pontificado Romano, afrontando embora o imane trabalho de reconstrução geral, em bases cristãs, de um mundo inteiro em ruínas, se voltou, com o Santa Padre Pio XII, com a trépida ânsia e particular amor, exatamente para os Religiosos.

É óbvio e natural, é necessário que às solitudes do Pai, os filhos correspondam com presteza, docilidade e generosidade. O Congresso dos Religiosos, celebrado em fevereiro do ano passado, nesta Capital, e a organização da ‘conferência dos Religiosos do Brasil’, são duas provas concretas de eco profundo que o apelo do Papa encontrou no Brasil. A revista que ora vem a lume é uma nova demonstração.

Ela se propõe, antes de mais nada, tornar conhecidos, de todas as comunidades religiosas, os atos e documentos pontifícios de particular interesse aos religiosos, como ainda as disposições e diretivas da Sé Apostólica, da Nunciatura e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

A revista quer ainda ser um meio eficaz de união entre as várias Ordens, Congregações e Institutos religiosos presentes neste imenso país: vive-se com os mesmos ideais, trabalha-se

pela mesma causa, combate-se com as mesmas armas, e nos conhecemos tão pouco, e, às vezes, nos amamos tão pouco!

De estímulo e auxílio, enfim, quer ser ainda a Revista, para o trabalho específico de ‘atualização’, tão vivamente recomendado pelo Santo Padre: ‘atualização’ nos fins particulares, nos métodos, nos usos e costumes, para que os Institutos religiosos se tornem instrumentos sempre mais eficientes, ágeis e eficazes nas mãos da Santa Igreja, que de seu Divino fundador recebeu o mandato de salvar os homens, todos os homens, os que se reuniram ao redor do Cenáculo, no dia de Pentecostes, como aqueles outros dos séculos de ferro, e os da civilização do motor e da era atômica.

O primeiro fascículo da nova publicação vem a lume no Rio de Janeiro em julho de 1955, enquanto a alma dos Brasileiros e dos católicos do mundo inteiro se acende de sagrado entusiasmo pela iminente celebração, nesta cidade maravilhosa, do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, que deve marcar um ressurgir de fé e de virtudes cristãs em todo o Brasil. Nascendo sob os auspícios tão afetuosos, esta Revista se empenha em contribuir para a elevação espiritual dos que, da tendência à perfeição, fizeram o escopo primário da própria vida.

A este número, o novo Representante do Papa no Brasil, que há poucos meses tomou posse em seu cargo, confia uma mensagem pessoal de afeto e de bênção para todos os religiosos deste imenso país. A todos, mas particularmente aos mais distantes, aos mais ignorados e abnegados, a quem trabalha na intérmina solidão da Amazônia, ou nas selvas do Mato Grosso, ou nas terras nordestinas castigadas pela seca, e a quem, embora nas populosas e férteis coxilhas do Sul, se encontra sob o peso de um trabalho desproporcionado a forças humanas (pois em toda parte a messe é grande e os operários são poucos), a todos os Representantes do Papa quer dizer que conhece seus sacrifícios, suas fadigas, seus suores e suas tristezas. Mas a todos também o Representante no Brasil do Pai Comum da Cristandade quer dizer que toda manhã leva *ad altare Dei*, na mente, no coração e na prece, juntamente com os 140 bispos e os 4 mil padres

seculares, os 7 mil padres religiosos e as 26 mil irmãs, que rezam e trabalham, para que no coração e na mente de todos os Brasileiros reinem a luz e a paz de Cristo”.

Rio de Janeiro, 5 de junho de 1955,

Festa da SSma. Trindade.

DOM ARMANDO LOMBARDI*

* **Dom Armando Lombardi** é arcebispo titular de Cesareia de Felipe e Nuncio Apostólico no Brasil.

Para entender o termo “Convergência”

De 1955 a 1967, havia a Revista da CRB. Em 1968, a Revista passou a se denominar CONVERGÊNCIA. O editorial de jan./fev. de 1968, na página 1, explica o termo Convergência. O texto, sem autor, é excelente e modelar, no conteúdo e na forma. Há dois prováveis autores: ou Ir. Cristóvão della Santa, fsc (Diretor-Responsável), ou Frei Raimundo de Almeida Cintra, op (Redator-Chefe). A seguir, o texto integral.

“À primeira vista, o termo poderá parecer insólito, por demais abstrato ou, antes, adequado aos estudiosos de geometria física, de ótica ou de filosofia científica. Na realidade, é uma palavra rica de significado e carregada de simbolismo. CONVERGÊNCIA é referência a um ponto central, união de esforços em vista de um objetivo comum, unidade na pluralidade, sintonização, harmonia, ecumenismo...

Disso poderemos nos convencer examinando os diversos planos em que existe a CONVERGÊNCIA: físico, social, eclesial, escatológico. No plano físico humano, CONVERGÊNCIA é sinônimo de organismo vital, de partes distintas formando um todo, de membros com funções diversas, de órgãos e faculdades heterogêneas realizando a unidade do conjunto e estruturando o portentoso complexo material e espiritual, que é o ser humano.

No plano social, CONVERGÊNCIA gera um corpo físico e espiritual, de outra natureza: comunidade humana. Esta se apresenta em formas variadas e ascendentes: a família, a idade, a nação, a sociedade internacional. Comunidade que não é um simples aglomerado, não é horda, nem multidão informe ou desordenada. É a união de muitos em vista de um objetivo comum, que encarna o bem de todos.

Supõe a diversidade de membros e a variedade de funções, mas exige a harmonia dos pensamentos e dos sentimentos, a sintonia dos esforços conjugados. Requer a solidariedade no auxílio mútuo e o solidarismo nas metas a atingir. A meta primordial é a construção da cidade humana e, na esfera internacional, o conagraçamento dos povos.

No plano da salvação, CONVERGÊNCIA se manifesta de outra forma. É a marcha multimilenar dos povos e das culturas que precederam a Cristo e a longa peregrinação das civilizações que se sucederão até a consumação dos séculos.

Cristo é o centro da história da humanidade, o único foco de convergência de todos os povos, línguas e nações.

Ninguém melhor do que Teilhard de Chardin exprimiu, nos tempos modernos, esta grande verdade, a qual ele estende ao plano cósmico. Cristo é o centro da convergência do universo e o Princípio evolutivo de sua ascensão para Deus. ‘Tudo o que sobe, converge’, enuncia ele. Numa primeira etapa, o próprio homem é o eixo de convergência dos seres materiais, que emergem, em assombrosa diversificação, a partir de pontos críticos da complexificação evolutiva. A consciência reflexiva é o ponto de chegada da mais perfeita manifestação da vida sobre a terra. Mas a humanidade, em avanços e retrocessos, ascenderá por estados cada vez mais perfeitos de união e de socialização para o *ultra-humano*. Nesse prolongamento se situa, como termo da evolução, o Ponto Ômega, que é a chave explicativa do universo.

São Paulo, em quem Teilhard se inspira, formulou outrora, e de maneira incisiva, esta doutrina, numa visão que atinge ao mesmo tempo o plano eclesiológico e o plano cosmológico. Também para ele, Cristo é não somente o Centro da História, mas o ponto de CONVERGÊNCIA do universo: ‘Ele é o Primogênito de todas as criaturas... a Cabeça do Corpo, que é a Igreja... o Pleroma estabelecido por Deus para a reconciliação de todos os seres’ (Cl 1,17-20). Magnificamente o Apóstolo dos Gentios descreve a união e a convergência do corpo eclesial: ‘Somos muitos, mas formamos um só corpo, nós todos que participamos do mesmo Pão’. Nesse corpo unido pela mesma fé, pelo

mesmo batismo e pela mesma caridade, há diversidade de funções, distinção de tarefas, multiplicação de atribuições. Tudo, porém, concorre para a edificação do mesmo organismo espiritual, do qual o Espírito de Deus é o princípio aglutinador. A Igreja de Cristo professa o mais franco pluralismo, a unidade na diversidade, a coesão na catolicidade. Nela a unidade não é uniformidade. Há pluralismo nos ritos litúrgicos, nas expressões artísticas ou culturais, nas famílias religiosas. Há diversidade e multiplicidade, sem particularismos, sem divisões, sem exclusivismos de *capelas*. Há também abertura para o ecumenismo, caridade e compreensão para outras comunidades que se originam do Evangelho. Como ‘pedaços da mesma rocha aurífera’, elas conservam também autênticos valores cristãos. Abertura para as demais religiões de outros povos, antigos ou contemporâneos, que não foram abandonados por Deus e cujas crenças e práticas religiosas ou morais contêm também, como ensinavam os padres da Igreja primitiva, ‘sementes do *Logos* e centelhas do Espírito’.

Sob o signo de CONVERGÊNCIA, nossa revista deseja ser o ponto de encontro, o elo não só entre as diversas famílias religiosas, que dão na Igreja testemunho da vida em comum, mas também entre todos os cristãos, leigos ou sacerdotes, que participam da mesma vida sobrenatural. Promoverá o diálogo e a aproximação com as outras denominações cristãs e com as outras religiões, por meio de um ecumenismo fundado na verdade e na caridade. Procurará remover as barreiras e as muralhas do ódio e da incompreensão. Envidará esforços para congregar todos aqueles que lutam para estabelecer entre os homens a compreensão e o auxílio mútuos. Promoverá a integração de todos na totalidade da Igreja, visando atingir a *comunhão* universal desejada pelo próprio Cristo.”

No aniversário de 60 anos da CRB Nacional, é oportuno falar sobre o livro *Análise Institucional na VRC*, porque o conteúdo permanece atual e condizente com a missão da Vida Religiosa. Segundo Pe. Plutarco Almeida, SJ, ao apresentar a 2ª edição, “a análise dos dados foi feita por um seleto grupo de Religiosos e Religiosas que se debruçou sobre a matéria a partir de vários ângulos específicos, como, por exemplo, a questão do poder na VRC, a identidade e a diferença, a formação, a espiritualidade...”. O livro foi organizado por William Cesar Castilho Pereira, prof. da PUC de Minas. Os autores dos textos são: Adalto Luiz Chitolina, Adriana Maria Brandão Penzin, Carlos Dominguez Morano, Dalton Barros de Almeida, Deolina Pedro Baldissera, Marco Antônio Torres, Maria Silva Mourão, Maruzânia Soares Dias, Paulo Lari Dullius.

Na introdução, Pe. Dalton Barros de Almeida, CSSR, escreve:

“Este livro é capaz de fazer história no processo de ‘potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada’, ajudando Congregações e Institutos em suas análises institucionais, em vista da Refundação.

O tema do livro reata com um passado, até recente, e desde muito desejoso de facilitar a gestação de um cotidiano saudável e fecundo na vivência religiosa da Consagração. O tema do livro reata com o compromisso dos anos 1990, quando, em meio à turbulência espiritual, afetiva e socio-cultural, buscou-se propiciar o instrumental da Análise Institucional como elemento de provocar o novo.

É que desde 1987 a Equipe de Reflexão Psicológica constituiu-se como espaço de refletir e subsidiar os caminhos de uma vida comunitária que modulasse a vitalidade relacional das pessoas, ante os desafios postos ao Carisma e Missão, a braços com um jeito novo do viver consagrado. Ao reatar, lembra a escolha feita pela ERP de apresentar a Análise Institucional (A.I.) como instrumento auxiliar de refundação. A escolha da A.I. significava, naquele momento, a adoção de um dispositivo que não incorresse no mero comunitarismo baseado nas técnicas de Dinâmica de Grupo, como se os grupos existissem para ser manejados ou mesmo manipulados. Também nos distanciávamos de alternativas em voga: Reengenharia e Qualidade Total. Foi uma intuição e um desejo que cresceu desde então, embora a recepção da oferta tenha sido lenta e gradual. Firmou-se a convicção de que mudar é preciso e que a mudança há ser lucidez pessoal de participação com autossugestão, juntos e de olhos abertos ao que atravança e faz a vida girar na mesmice repetitiva, esvaziadora de sentido, valor e prazer. Esvaziadora, afinal, do essencial nutritivo e saboroso: a cooperação solidária, fraterna, evolutiva e maturante, deixando todos com desejo de seguir como aprendizes de uma coerência entre discurso-organização-prática.

Se o tema do livro abre caminho à esperança, seus capítulos constituem-se, por isso mesmo, em outras tantas luzes e balizas para as metamorfoses indispensáveis à Vida Religiosa”. Eis os capítulos:

Cap. I – A porta de entrada da Análise Institucional na Vida Religiosa.

Cap. II – Movimento Institucionalista.

Cap. III – Caminhos de uma intervenção.

Cap. IV – Principais analisadores institucionais na Vida Religiosa Consagrada:

1. Introdução.
2. O poder na Vida Religiosa.
3. O dinheiro na Vida Religiosa.

4. Cidadania e Vida Religiosa Consagrada.
5. Idosos na Vida Religiosa Consagrada.
6. Identidade e diferença.
7. O processo formativo na Vida Religiosa.
8. Espiritualidade e o cotidiano na Vida Religiosa.

Segue dizendo o autor, apresentando os capítulos:

“O primeiro capítulo evidencia as resistências e rupturas no cenário da Igreja frente à História que evoluía, às autênticas matizes do sujeito e do grupo, trazidas no bojo da modernidade. Uma oposição e uma recusa que geraram um doloroso divórcio entre Igreja e realidade, Vida Religiosa e história.

O segundo capítulo registra a gênese e a história do chamado Movimento Institucionalista, composto de várias escolas, teorias e práticas de análise nas instituições. Ressalta-se no texto um paralelismo entre as origens das práticas institucionais e os fundamentos programáticos das primeiras comunidades cristãs. Trata-se de autoconsciência (auto-análise) e autogestão.

No terceiro capítulo são propostos os caminhos de intervenção de uma análise na instituição religiosa. Não se trata de um manual de receitas – nem seria possível! Não se trata tampouco de um caminho único para efetivar a análise. São apresentados instrumentos auxiliares a quem interessado estiver na busca de trilhas visando não ao método em si, mas à comunhão de vida vivida como autogestão do grupo, ou seja, na recriação do carisma e da missão, em comunidade, a essa altura convertida à necessidade de mudanças desejosas de uma maturação do humano-divino na nossa Consagração.

O quarto capítulo é dedicado aos principais analisadores atualmente encontrados na instituição religiosa. Os analisadores são elementos favorecedores de compreensão do real institucional, visando identificar e explicitar os modos de fundamento de uma instituição. Cabe-lhes a qualidade de ser simples e pertinentes, carregados de sentido. É como a

decomposição do todo em suas partes, distinguindo bem para melhor unificar, examinando o instituído e o instintivo, os atravessamentos e as transversalidades.

Na apresentação, Pe. Plutarco expressa que no momento em que se fala tanto em crise da Vida Religiosa do Brasil e no mundo, este livro pode nos ajudar a conhecer melhor nossas próprias estruturas institucionais e assim buscarmos, com as luzes do Santo Espírito, chegar ao horizonte da CRB com a concretização das prioridades.

Para isso, recordemos o que nos fala o horizonte do triênio 2013-2016: “levantemo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e jovens, ouvindo seus gritos e compartilhado suas dores. E humildemente imploramos: Permanece Conosco! A VRC chega ao horizonte neste triênio cuidando destas prioridades:

- *Identidade e mística.* Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da VRC.
- *Missão, profecia e juventudes.* Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.
- *Intercongregacionalidade e leveza.* Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.
- *Formação.* Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase nas novas gerações, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.”

Deus permaneceu conosco nos 60 anos da CRB. Deus permanece conosco aqui e agora, neste triênio. Deus permanece conosco sempre.

IR. LAURO DAROS

São José de Anchieta

Inculturação nos primeiros tempos: um relato de Anchieta

Desde janeiro estivemos numa casa feita de barro e paus, de 14 passos por 10 de largura. É, ao mesmo tempo, escola, enfermaria, dormitório, cozinha, despensa... Mas não temos saudades das casas amplas de outras partes.

Os dois textos que ora publicamos são de duas cartas de São Anchieta, a primeira de 1º de setembro de 1554 e dirigida a Inácio de Loyola, e a segunda, de março de 1562, ao novo geral da Companhia de Jesus, Diogo Laínes.* Temas que hoje nos parecem tão recentes (subsistência, trabalho, inserção, inculturação etc.), surgem já equacionados nas possibilidades destes religiosos corajosos, guiados por sua experiência carismática. Anchieta escreveu a partir de São Paulo de Piratininga.

“Desde janeiro até o presente, estivemos às vezes mais de vinte numa casa pobrezinha, feita de barro e paus e coberta de palha, de 14 passos de cumprimento e 10 de largura, que é ao mesmo tempo escola, enfermaria, dormitório, refeitório, cozinha e despensa; mas não temos saudades das casas amplas que os nossos habitam em outras partes. Com efeito, em mais estreito lugar foi posto Nosso Senhor Jesus Cristo, quando se dignou nascer pobre num presépio entre dois brutos animais e em estreitíssimo morrer por nós na cruz. Esta casa construíram-na os próprios índios para nosso uso, mas agora preparamos-nos para fazer outra um pouco maior, de que nós seremos operários com o suor de nosso rosto e o auxílio dos índios...”

O principal alimento desta terra é farinha de pau, que se faz de certas raízes que se plantam, e chamam mandioca, as quais – quando comidas cruas, assadas ou cozidas – matam.

* Textos extraídos das *Obras Completas* do Pe. José de Anchieta, vol. 6, Loyola, 1994, pp. 72s.184s. Fonte: Revista *Convergência*, abril de 1993, p. 163 a 165.

É necessário deitá-las na água até apodrecerem; apodrecidas, desfazem-se em farinha, que se come, depois de torrada em vasos de barro bastante grandes. Isto substitui entre nós o trigo. Outra parte do mantimento fornecem-na carne do mato, como são macacos, gamos, certos animais semelhantes a lagartos, pássaros e outros animais selvagens, e ainda peixes do rio, mas estas coisas raras vezes. A parte principal da alimentação consiste, portanto, em legumes como favas, abóboras e outros, que se podem colher da terra, folhas de mostarda e outras ervas cozidas; em vez de vinho, bebemos água cozida com milho, ao qual se mistura mel, se o há. Assim bebemos tisanas ou remédios e, se há isto, não nos parece ser pobres.

As coisas necessárias para a conservação de nossa vida, adquirimo-la com o trabalho de nossas mãos, como o Apóstolo S. Paulo, para não sermos pesados a nenhum destes. Devemo-las principalmente às mãos de um irmão nosso, ferreiro; ainda que nada peça, oferecem-lhe os índios, em paga das coisas que lhes faz, farinha e legumes e às vezes carne e peixe. A isto se juntam também outras esmolos que eles, movidos pelo amor de Deus, nos dão, e assim muitas vezes o Senhor, a cujos cuidados nos entregamos, nos provê até donde menos esperávamos, a nós que nos encontramos faltos de todas as coisas.”

O mesmo Pe. José de Anchieta escrevia ao Pe. Geral Diogo Laínes (Roma), a partir de Piratininga em março de 1562:

“Nossa conversação com os próximos é a costumada. Ocupamo-nos na doutrina das coisas da fé e mandamentos de Deus, com as mulheres dos cristãos e seus escravos e escravas, nestes lugares em que estão dispersos. Sempre se colhe algum fruto, pela bondade do Senhor, assim em apartá-los de pecados, como em abrandar um pouco sua dureza no conhecimento de Deus Nosso Senhor e Criador e ajudando-os a bem morrer, para o que comumente somos chamados, assim como para os brancos como para seus escravos, a quem é necessário acudir a diversos lugares por

mar e por terra, onde fazem suas habitações. Nisso às vezes o trabalho é consolação que se dobra com a pouca consolação que se recebe do pouco fruto, que dão campos lavrados com tantos suores. Mas nos basta salvar uma só alma, ou,

São João XXIII e São João Paulo II

Em 27 de abril de 2014, foi celebrada pelo Papa Francisco na Praça de São Pedro a canonização dos Papas João XXIII e João Paulo II. Papa Francisco pronunciou esta fórmula:

Declaramos e definimos como santos os beatos João XXIII e João Paulo II e os inscrevemos no Catálogo dos Santos, e estabelecemos que em toda a Igreja sejam devotamente honrados entre os Santos.

Sobre o Papa João XXIII e o Papa João Paulo II, o Papa Francisco afirmou, na homilia da Santa Missa de Canonização:

São João XXIII e São João Paulo II tiveram a coragem de contemplar as feridas de Jesus, tocar as suas mãos chagadas e o seu lado trespassado. Não tiveram vergonha da carne de Cristo, não se escandalizaram d’Ele, da sua cruz; não tiveram vergonha da carne do irmão (cf. Is 58,7), porque em cada pessoa atribulada viam Jesus. Foram dois homens corajosos, cheios da parrésia do Espírito Santo, e deram testemunho da bondade de Deus, da sua misericórdia, à Igreja e ao mundo. Foram sacerdotes, bispos e papas do século XX. Conheceram as suas tragédias, mas não foram vencidos por elas. Mais forte, neles, era Deus; mais forte era a fé em Jesus Cristo [...]; mais forte neles era a misericórdia de Deus que se manifesta nestas cinco chagas; mais forte era a proximidade materna de Maria. Nestes dois homens contemplativos das chagas de Cristo e testemunhas da sua misericórdia, habitava “uma esperança viva”, juntamente com “uma alegria indescritível e irradiante” (1Pd 1,3.8). [...] Esta esperança e esta alegria respiravam-se na primeira comunidade dos crentes, em

Jerusalém. [...] É uma comunidade onde se vive o essencial do Evangelho, isto é, o amor, a misericórdia, com simplicidade e fraternidade. E esta é a imagem de Igreja que o Concílio Vaticano II teve diante de si. João XXIII e João Paulo II colaboraram com o Espírito Santo para restabelecer e atualizar a Igreja segundo a sua fisionomia originária, a fisionomia que lhe deram os santos ao longo dos séculos. [...] Na convocação do Concílio, São João XXIII demonstrou uma delicada docilidade ao Espírito Santo, deixou-se conduzir e foi para a Igreja um pastor, um guia-guiado, guiado pelo Espírito. Este foi o seu grande serviço à Igreja; por isso gosto de pensar nele como o Papa da docilidade ao Espírito Santo.

Papa João XXIII era conhecido como o Papa Bom ou Papa da Bondade, por sua bondade, simpatia, sorriso, jovialidade, simplicidade. O Discurso da Lua, na noite de 11 de outubro de 1962, na abertura do Concílio Vaticano II, revela sua bondade e simplicidade.

Caros filhinhos, ouço as vossas vozes. A minha é apenas uma, mas condensa a voz do mundo inteiro. Todo o mundo está aqui representado.

Parece que até a lua antecipou-se esta noite – observai-a no alto – para contemplar este espetáculo. É que encerramos uma grande jornada de paz. Sim, de paz: Glória a Deus e paz aos homens de boa vontade.

A minha pessoa não conta para nada, quem vos fala é um irmão, que se tornou pai por vontade de Nosso Senhor, mas tudo junto – paternidade e fraternidade – é graça de Deus, tudo, tudo.

Continuemos, pois, a amar-nos, a querer-nos bem, a querer-nos bem; olhando-nos mutuamente no encontro, recolhendo aquilo que nos une, deixando de lado qualquer coisa que nos possa criar dificuldade: nada. *Fratres sumus*.

Esta manhã aconteceu um espetáculo que nem a basílica de São Pedro, que tem quatro séculos de história, alguma vez pôde contemplar.

Honremos as impressões desta noite. Que os nossos sentimentos permaneçam sempre como agora os manifestamos diante do

Céu e da terra. Fé, esperança, caridade, amor de Deus, amor de irmãos.

E assim, todos juntos, mutuamente apoiados, na santa paz do Senhor, nas obras do bem.

Quando regressardes a casa, encontrareis os vossos meninos. Fazei uma carícia às vossas crianças e dizei: “esta é a carícia do Papa”. Encontrareis algumas lágrimas por enxugar, fazei alguma coisa... dizei uma boa palavra: “o Papa está conosco, especialmente nas horas de tristeza e de amargura”.

E assim, todos juntos, animemo-nos, cantando, suspirando, chorando, mas sempre, sempre cheios de confiança em Cristo que nos ajuda e nos escuta, para avançarmos e retomarmos o nosso caminho.

E, agora, tende a gentileza de atender à bênção que vos dou e também ao boa-noite que me permito desejar-vos.

João Paulo II era filho e amigo de Nossa Senhora. Desde criança, prostrava-se em frente da Boa Mãe e rezava. Desde pequeno aprendeu a chamá-la de mãe e amiga. A Virgem Maria era um referencial de vida e de devoção. Quando visitou o Brasil, em 1980, fez esta oração a Nossa Senhora Aparecida:

Ó Mãe, fazei que esta Igreja, a exemplo de Cristo, servindo constantemente ao homem, seja a defensora de todos, em particular dos pobres e necessitados, dos socialmente marginalizados e espoliados. Fazei que a Igreja do Brasil esteja sempre a serviço da justiça entre os homens e contribua ao mesmo tempo para o bem comum de todos e para a paz social.

Ó Mãe, abri os corações dos homens, e dai a todos a compreensão de que, somente no espírito do Evangelho e seguindo o mandamento do amor e as bem-aventuranças do sermão da montanha, será possível construir um mundo mais humano, no qual será valorizada verdadeiramente a dignidade de todos os homens.

Ó Mãe, concedei à Igreja do Brasil numerosas vocações sacerdotais e religiosas. Acolhei em vosso coração todas as famílias brasileiras. Acolhei os adultos e os anciãos, os jovens e as

crianças. Acolhei os trabalhadores do campo e da indústria, os intelectuais das escolas e universidades, os funcionários de todas as instituições. Não cesseis, ó Virgem Aparecida, pela vossa

Dom Tomás Balduino Mãos e pés sujos de terra

Dom Tomás Balduino – pastor, profeta, guerreiro;
 “Moleque travesso” – chegaram a dizer alguns,
 Porque capaz de arriscar, de ousar, de sonhar;
 De manter o olhar no horizonte sem fronteiras.
 Sem medo de sujar as mãos e os pés na terra,
 Na história da luta pela Reforma Agrária:
 Terra por Deus prometida e esperada,
 Terra pelos governos anunciada e negada,
 Terra pelos trabalhadores duramente conquistada.
 Dom Tomás Balduino – um pastor sempre jovem
 No confronto com os anos sombrios na ditadura,
 No anúncio da libertação aos oprimidos de todos os tempos
 e lugares,
 Na construção do processo democrático, mesmo aos 90 anos!
 Dom Tomás Balduino – um profeta destemido,
 Diante das botas, fardas e armas militares,
 Diante do latifúndio, com seus defensores e capangas,
 Nas busca da verdade e da justiça, mesmo aos 90 anos!
 Dom Tomás Balduino – um guerreiro que jamais foge à luta,
 Juntamente com todos os deserdados da terra,
 Em parceria com os lutadores e lutadoras do povo,
 No anúncio do Reino do Pai, mesmo aos 90 anos!
 Dom Tomás Balduino – pastor, profeta, guerreiro;
 Mas também pássaro aviador no céu cor de anil,
 Sentindo no corpo e na alma os ventos da mudança,
 Os sinais dos tempos de uma história que não se fecha,

Mas permanece aberta ao protagonismo dos pobres.
 Dom Tomás Balduino – porta-voz de Deus e dos excluídos,
 Solidário com os exilados, os necessitados, os últimos;
 Sensível à flor e à espiga que se levantam do chão,
 Como o grito e a luta dos desterrados e abandonados,
 Para proclamar que a primavera já começou
 E que é possível aos 90 anos sentir seu perfume!

Roma, Itália, 2014

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS

Faz 50 anos que o golpe militar, respaldado pela Casa Branca, implantou uma ditadura no Brasil. E 29 que os generais voltaram às casernas. E agora, José, vivemos uma verdadeira democracia?

Devagar com o andor, pois o santo é de barro. Cracia, sim; mas demo... Os generais deixaram o poder. Não de ter poder. Falam grosso nos quartéis e ainda têm a petulância de batizar turmas de formandos de Agulhas Negras com o nome de “Emílio Garrastazu Médici”, o mais sanguinário de todos os ditadores.

Comissões da Verdade trabalham arduamente para apurar os crimes da ditadura. Como não são também da Justiça, atuam manietadas. Não têm poder nem projeto de punir ninguém. “Homem mau dorme bem”, intitula-se um filme de Akira Kurosawa. O que dá às Forças Armadas a prerrogativa de não prestar satisfações à nação e manter clandestinos os arquivos do regime militar, como o fazem com os documentos da Guerra do Paraguai. Mas ninguém escapa de prestar contas à história...

Passadas quase três décadas do fim da ditadura, o Brasil nem sacudiu a poeira nem deu a volta por cima. Quem é hoje a figura majestática do PMDB, o maior partido do Brasil e principal aliado do governo petista? José Sarney. Quem era o presidente da Arena, partido de respaldo à ditadura e aos crimes por ela cometidos? José Sarney.

Nossas estruturas ainda conservam fortes resquícios dos 21 anos (1964-1985) de atrocidades. Em especial na política, que mantém o mesmo número de senadores por estado, malgrado a desproporção populacional, e aprova o financiamento de campanhas eleitorais por empreiteiras, bancos

e empresas. Sei que nem tudo é como dantes – temos pluripartidarismo e a Constituição de 1988 – mas ainda trafegamos à sombra do quartel de Abrantes.

Houve mudanças! O impossível aconteceu: Lula eleito presidente e o PT há 10 anos no poder. Lá chegou graças aos movimentos sociais que minaram os alicerces da ditadura. Como já disse, o poder, a cracia, ganhou novos protagonistas. Porém, a demo... o povo ficou de fora!

Nossa democracia ainda é predominantemente delegativa (delega-se, pelo voto, poder ao eleito); tendenciosamente representativa (vide os lobbies do agronegócio e dos grandes meios de comunicação); e nada participativa.

A social-democracia chegou ao Brasil, paradoxalmente, pelas mãos do PT, e não do PSDB. A pobreza extrema sofreu significativa redução; a escolaridade ampliou-se; a saúde socorreu-se na importação de médicos estrangeiros. No Nordeste, trocou-se o jégué pela moto. A inflação ficou sob controle; o salário mínimo obteve crescimento valioso; a linha branca, desonerada e facilitada pelo crédito, encheu os domicílios populares de geladeiras, fogões e máquinas de lavar.

Quem nunca comeu melado... Cadê os benefícios sociais? Transporte coletivo precário e congestionado; saúde pública infeccionada por falta de recursos; educação sem qualidade; segurança despreparada e insuficiente.

Em 10 anos de governo petista, nenhuma reforma de estruturas. Nem a agrária, nem a política, nem a tributária. Como fazia a ditadura, os megaprojetos atropelam as exigências ambientais (transposição do São Francisco; hidrelétricas como Belo Monte; Copa), enquanto a Amazônia perde o fôlego asfixiada por lavouras movidas a agrotóxicos e ampliação dos pastos abertos a serra elétrica.

Eis que, de repente, o Brasil se dá conta de que não está deitado em berço esplêndido. E o gigante adormecido acorda... nas manifestações de rua!

Se os 10 anos de governo petista promoveram considerável inclusão econômica, falta propiciar a participação política.

Ao contrário, temos um governo despolitizante, que acredita que só de pão vive o homem... Nada estranho que haja arruaças em manifestações.

Ainda somos o país do futuro... O presente requer um novo projeto Brasil.

FREI BETTO*

* **Frei Betto** é escritor, autor de *Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar brasileira* (Rocco), entre outros livros.

Realizou-se uma Coletiva de Imprensa na sede da Conferência dos Religiosos do Brasil, em Brasília-DF, dia 14 de maio, às 9h, com religiosos e religiosas, órgãos e instituições afins, em torno do tema Copa do Mundo e Tráfico de Pessoas. O Objetivo foi lançar na Capital Federal a Campanha “Jogue a favor da vida – denuncie o Tráfico de Pessoas”, uma iniciativa da Rede Um Grito pela Vida da CRB Nacional.

De acordo com as organizadoras, a Coletiva visou sensibilizar e informar a sociedade civil, em especial os grupos mais vulneráveis, sobre o Tráfico de Pessoas e a Exploração Sexual. Objetivou ainda alertar sobre o risco do crescimento do crime e outras formas de violação dos Direitos Humanos durante megaeventos como a Copa do Mundo, e enfatizou o tema da Campanha da Fraternidade 2014: “Fraternidade e Tráfico Humano”.

A Coordenadora Nacional da Rede, socióloga e religiosa Eurides de Oliveira, falou sobre a importância e o significado do evento. “Lançar a Campanha de prevenção ao Tráfico antes e durante a Copa de 2014 é uma oportunidade singular para dar maior visibilidade ao problema do Tráfico, momento de contribuir para coibir o seu crescimento e chamar a atenção da população para este crime que existe em dimensões tão abrangentes, mas que é bastante invisível para a sociedade”, disse.

Informações do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) revelam que cerca de 600 mil visitantes estrangeiros e 3 milhões de viajantes nacionais deverão circular no país em busca de diversão durante a Copa do Mundo.



Em entrevista à Folha de São Paulo, o secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Leonardo U. Steiner, falou sobre a preocupação da Igreja com o aumento do Tráfico de Pessoas e da Exploração Sexual durante a Copa do Mundo. “Sabemos que o Tráfico e Exploração Sexual podem aumentar durante a Copa pela presença de estrangeiros e de brasileiros viajantes”, relatou.

O presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito do Tráfico Humano, deputado Arnaldo Jordy, em entrevista exclusiva à CRB Nacional, falou também sobre a preocupação do governo com o crescimento do crime durante o evento: “A Copa do Mundo é uma preocupação por causa das obras, por causa do mercado de trabalho escravo e porque esse mercado da prostituição cresce em grandes eventos, pois a circulação de dinheiro é maior e o mercado também se aquece, mas estamos falando do bem jurídico mais importante que é a vida humana”.

Acrescentou ainda que a CPI encaminhou um conjunto de medidas aos governos dos estados para ampliar e melhorar a rede de enfrentamento do crime. “Aparelhar melhor o Estado, providenciar o cadastro único nacional que não temos, melhorar o diálogo entre as polícias federal e estadual e criar órgãos que possam fiscalizar e atender as vítimas de forma mais eficaz”, concluiu.

Participaram da Coletiva:

Dr. Marcello Lavenère Machado – Membro vitalício do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil; advogado e consultor jurídico em Brasília; professor de Direito Civil na Universidade de Brasília (UnB); ex-professor da Escola Superior do Ministério Público; autor do pedido do *Impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello.

O *Secretário-geral da CNBB, Dom Frei Leonardo Steiner, ofm* – Nomeado bispo em 2005 pelo Papa João Paulo II para a Prelazia de São Félix – MT. Religioso da Ordem dos Frades Menores. Desde 2011 é o secretário-geral da CNBB

– Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e bispo auxiliar da Arquidiocese de Brasília.

Irmã Eurides de Oliveira – Socióloga e coordenadora nacional da Rede Um Grito pela Vida da CRB Nacional – Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil; Missionária da Congregação das Irmãs Coração de Maria. Porto Alegre-RS.

Irmã Maria Inês Ribeiro – Vice-presidente da CRB Nacional – Conferência dos Religiosos do Brasil, que representa o presidente da Conferência, Irmão Paulo Petry; religiosa da Congregação das Irmãs Mensageiras do Amor Divino. Reside em Aparecida – SP.

Annie Carvalho – Assistente Social da Gerência de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas da Secretaria da Justiça do Ministério da Justiça. Brasília – DF.

Ir. Rosa Maria Martins Silva*

* **Ir. Rosa Maria Martins Silva**, mscs, é jornalista, assessora de Comunicação da CRB Nacional.

Vida Religiosa: identidade e esperança

“Permanece conosco!” (Lc 24,29)

O título acima se constituiu no eixo temático da XXIII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional, realizada em julho de 2013. Como foi intenso aquele momento! Ao fechar os olhos, mesmo agora, quase um ano depois, sinto e toco o momento sagrado em que, às 14h do dia 15 de julho do ano passado, Religiosas e Religiosos, que lotávamos o salão do Colégio Santo Antônio, em Brasília, acompanhamos o apagar das luzes e a abertura das cortinas do palco. E... ao invés de um discurso, um grito musical reproduzido em dança religiosa. O grito era assim: *se tu vais agora, anoitecerá! Se tu vais embora, Senhor, o que será? Se tu vais agora, anoitecerá! Mas se permaneces, a noite não virá!* (canção do movimento Focolare). O grito da canção era acompanhado pelo ritmo harmonioso dos passos de jovens bailarinas e por seus gestos de súplica que nos envolviam e emocionavam! Confesso, sim, eu gostaria de cair na tentação de continuar recordando a força desta Assembleia... *Re-cor-dar!* Bonito: dar nova chance ao coração!

No entanto, este artigo me foi pedido, não *para* recordar a Assembleia, mas para, quase um ano após sua realização, partilhar meu ponto de vista sobre a Vida Religiosa no Brasil – seus traços originais e seu rosto latino-americano. Vou tentar, mas as perspectivas da convocação a consagrar o ano de 2015 à Vida Consagrada provocam a silenciar e a envolver-se... mais do que falar e escrever! Vejamos: estávamos começando a tratar dos “processos interrompidos” ao longo

* **Irmã Márian Ambrosio**, idp, foi presidente nacional da CRB, de 2007 a 2013.

dos anos do *aggiornamento* pedido pelo Vaticano II, quando irrompeu Papa Francisco! Pensávamos ter respondido às inúmeras perguntas formuladas pela Vida Religiosa, quando o mesmo Papa Francisco formula 10 novas questões!!! E agora??? E quando estávamos acostumadas a pensar uma CRB Nacional como jovem cinquentona, eis que ela surge aos 60 anos, em que se iniciam os processos rumo à aposentadoria! Uma vantagem nós temos: nossos olhos continuam “fixos em Jesus” (Hb 12,1-2), a quem clamamos: “permanece conosco” (Lc 24,29). Mas que precisamos *trocar de óculos*, ah, isso precisamos!

Pensei em organizar meus pensamentos em três focos: 1. Como percebo os “sentimentos” da Vida Religiosa neste primeiro ano do Papa Francisco; 2. Onde identifico processos que nos vinculam às propostas intuídas ao ouvir e ler o Papa Francisco, quando ele se dirige à Vida Religiosa; 3. Como costumo descrever o rosto atual da Vida Religiosa no Brasil em comunhão com a Vida Religiosa Latino-americana.

Ídolo
Ídolo
Ídolo

É simplesmente muito bom sentir-se confirmada quando o Santo Padre se pronuncia, independentemente de seus interlocutores. Sentimo-nos sempre em casa, quando o ouvimos falar sobre os valores da família, sobre relações ecumênicas ou inter-religiosas, sobre economia ou sobre política, sobre a Igreja e sobre a vida. Sentimo-nos sempre em casa ao vê-lo abraçar crianças, motivar jovens, fortalecer idosos. Sentimo-nos sempre em casa ao vê-lo surpreender pessoas que não imaginavam que ele pudesse estar onde estava em determinado momento, ou ao saber que ele se sente cansado, decepcionado ou feliz. Sentimo-nos sempre em casa quando ele abre o grande sorriso ou quando permanece em sagrada seriedade na presidência da Eucaristia. É isso: *sentimo-nos confirmadas! Cada passo da trajetória da Vida Religiosa*

*nestas dezenas de anos de crise valeu a pena! Ao acentuar que a Vida Religiosa Latino-americana é herdeira de um jeito de ser Igreja, sentimos que o Santo Padre nos abraça! Suas esperanças de ressuscitar em nós a disposição fundante (tantas vezes esquecida ou relativizada nos últimos tempos) de **sair e fazer sair**, de acordar o mundo, de redescobrir as razões de nossa alegria, de não tolerar carreirismos e camuflagens, de testemunhar a fraternidade, de alicerçar toda a vida em Jesus Cristo, de fazer a revolução da ternura e de acariciar o conflito, de transformar a Formação em obra artesanal, e tanto mais que podemos continuar elencando porque queremos continuar a ouvi-lo, renovaram os alicerces de nossa vocação ao discipulado radical de Jesus. Até mesmo quando ele brinca – “o Papa é argentino, mas Deus é brasileiro”, ele abre nossos olhos para as fecundas possibilidades de integração evangélica de nossas diferenças, já que tantos/as de nós temos raízes fundacionais em outros continentes!*

É como se o Santo Padre nos impulsionasse a “resgatar” valores e dinâmicas que fundamentaram nossas opções e compromissos logo após o Vaticano II, Medellín e Puebla, e que haviam esfriado com nossa acomodação aos tempos da cultura do descartável e do provisório. Os sentimentos são de profunda gratidão e de renovado encorajamento. E agora já temos em nossas mãos, em nossas mentes e em nossos corações a certeza de que o ano de 2015 será marcado pela ALEGRIA da Consagração e pelas exigentes questões que o Papa Francisco formulou para acordar nosso desejo de conversão. É como se o Santo Padre nos convidasse a abrir e ler o Evangelho com novo olhar, e nele encontrar o que corríamos o risco de esquecer – como é importante nos aproximarmos das pessoas, do povo de Deus, assim como nos falava Medellín ao nos empurrar ao encontro da realidade histórica do povo latino-americano, através do qual conhecemos o rosto humano da fé e o rosto libertador de Jesus de Nazaré.

Este sentimento de alegria, reconhecimento e gratidão chega a mim através de tantas vozes e de tantas vidas. Algo de muito interessante chama a atenção: nós, com mais idade e mais experiência, nos sentimos revigoradas/os; a juventude

se sente provocada. E quem se sentia “sem fôlego” no meio do caminho, volta a respirar. Estou convencida de que cada Comunidade Religiosa no Brasil formará círculos de leitura orante das exigentes 10 questões do Papa Francisco.



O Santo Padre ainda não falou, mas intuo que ele vai falar sobre a importância de intensificar a reflexão a respeito dos PROCESSOS INTERROMPIDOS ao longo do *aggiornamento* pós-Vaticano II. Quem tem o privilégio de acompanhar Capítulos Gerais e Provinciais ou Assembleias anuais de Congregações e Províncias, percebe logo que o contexto está marcado pelo desejo profundo de analisar melhor os movimentos que marcaram os últimos 50 anos da Vida Religiosa no Brasil. Agradeço aqui as Equipes de Reflexão e a Assessoria à AGE, pela valiosa contribuição, por terem plantado em nós, entre o Seminário para Superiores e Superiores Maiores, realizado em fevereiro de 2012, e o processo de preparação e realização da XXIII Assembleia Geral Eletiva, a determinação de reconhecer os frutos e os limites do meio século pós-conciliar. Uma nova leitura do conjunto do material produzido pela CRB Nacional ao longo dos meses que separam estes dois eventos pode ser de grande ajuda. Através da linguagem que usamos, sinto vínculos profundos com os temas do Santo Padre.

Tenho consciência de estar repetindo o que já ouvimos, mas a verdadeira meditação reside na repetição. Proponho, então, meditarmos (repetirmos) um pouco: ao adentrarmos os pés no *caminho da renovação profunda* que nos convidava a voltar às fontes, constatamos avanços e recuos.

- a) Reconhecemos que foi “interrompida” a dinâmica que possibilita o reencontro com a inspiração carismática das/os fundadoras/es, ao mesmo tempo em que projeta

- o carisma para o futuro com o mesmo dinamismo da primeira experiência.
- b) Reconhecemos que o projeto primordial da conversão ao essencial, do retorno ao Evangelho, da absoluta centralidade de Deus em nossa vida não foi forte e autêntico a ponto de encantar e contagiar as novas gerações.
 - c) Reconhecemos que se perpetua o desafio de testemunhar profeticamente a radicalidade do seguimento de Jesus Cristo, dando-lhe significado através da vivência dos votos religiosos e da força interior para empreender as necessárias rupturas com o “mundo”.
 - d) Reconhecemos que muitas vezes confundimos a evangélica Vida em Comunidade Religiosa com a busca por modelos oriundos de propostas confortáveis de autorreferência.
 - e) Reconhecemos que são frágeis as experiências motivadas pela busca de modelos novos para o exercício da autoridade, das estruturas de governo e dos estilos de vida.
 - f) Reconhecemos que há muitos sinais de cansaço em nosso empenho pela inserção no meio dos pobres.
 - g) Reconhecemos que nem sempre nos apropriamos das raízes bíblico-teológicas da Missão da Vida Religiosa, e que nos confundimos quando tentamos a releitura das reais finalidades de nossos Institutos, ou sobre nosso lugar na Igreja e na Sociedade.

Segundo sublinha Padre Carlos Palacio, “o itinerário pós-conciliar da VR não foi linear nem uniforme; foi feito de avanços e recuos [...], aberto aos desafios que iam surgindo (minorias, gêneros, novas gerações etc.), remando, experimentando, como todo processo histórico. Eram muitas as transformações pelas quais ‘era necessário’ que passasse a VR. Mas, hoje – com lucidez, humildade e realismo que só o tempo permite –, é preciso reconhecer que o processo nem sempre foi claro. Era difícil separar o joio do trigo. Critérios, valores e comportamentos não evangélicos ou, pelo menos, não ‘processados evangélicamente’, foram se infiltrando na maneira de compreender e de viver a VR.

Nesse vaivém de idas e vindas, houve processos interrompidos ou impossibilitados de chegarem a término e caminhos que se revelaram impérvios. É preciso ter presente esse conjunto, para detectar alguns dos ‘sinais’ que não foram compreendidos pela VR” (Conferência durante a XXIII AGE da CRB Nacional).

O “hoje” da Vida Religiosa é fundamentalmente marcado por continuar o caminho da *renovação profunda*, não somente dando passos relacionados a cada um dos itens mencionados, mas reconstruindo o núcleo identitário que a torna original (peculiar) entre os outros estilos de vida na vocação ao seguimento radical de Jesus. Para além das fragmentações pelas quais passamos, podemos afirmar que no coração desta grande busca está um novo conceito – *Vida Religiosa discípula de Jesus!* Mais vida e mais religiosa; mais mística e mais profética; mais próxima e mais humana; mais seguidora e menos fazedora de coisas; mais testemunhal e menos falante!

Podemos, sim, afirmar que, finalmente, a Vida Religiosa reconhece e ocupa seu *lugar de discípula radical de Jesus*. Seguramente, identificamos o ocaso do modelo fundamentado no seguimento de Jesus para “fazer muitas coisas” e nos abrimos para o “sabor” do seguimento de Jesus baseado no amor e na liberdade que o estilo de vida nos possibilita. Continuamos, é verdade, e devemos continuar a “fazer bem” muitas coisas, desde a consciência de nossa laicidade na estrutura eclesial e desde a consciência do compromisso carismático com Deus Providência que caminha à frente da história e luta a favor e em defesa da vida por Ele criada. Deste Deus, somos *sinal*, testemunhas incansáveis e fiéis.

Pode parecer uma afirmação óbvia – *seguimos Jesus!*, mas esta obviedade encerra o desafio de responder a uma pergunta fundamental: *Quem é Jesus a quem seguimos?* Quais fontes nos revelam seu rosto, sua vida, sua boa notícia, seu Projeto? Que subsídios estamos lendo? Que correntes estamos seguindo? Quais atitudes nossas manifestam que o conhecemos e o seguimos sem reserva? E tem mais, a pergunta não se encerra assim. *Quem é Jesus a quem apresentamos às/ aos jovens que nos buscam porque o desejam encontrar?* O empenho

por passar do modelo de “fazer muito” para o “saborear” muito enquanto “se faz” tem sido como *o orvalho do Hermon que desce, desce, trazendo vida nova em nossas Comunidades*.

Este é um caminho de renovação profunda! *E o abraçamos! E sentimos nosso coração arder!*

E porque estamos falando sobre a Vida Religiosa no Brasil e na América Latina, faço mais uma vez presente as luzes que nos chegam desde a CLAR e desde a CRB Nacional. Esta última nos vem provocando, principalmente nos últimos triênios, a centrarmos nossa vida em processos autênticos de conversão ao discipulado através da Leitura Orante de duas experiências luminosas do verdadeiro discipulado de Jesus – Paulo de Tarso (Hb 12,1-3), que nos alertou a “avançar de olhos fixos em Jesus”; e a experiência dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-47). No *caminho*, somos surpreendidos/as por Jesus ressuscitado que se aproxima e ouve; que interpela e faz arder o coração; na *encruzilhada*, somos motivados/as a renovar a opção radical de nossa vocação – permanece conosco! Na *casa*, somos motivados/as a entregar, sem reservas, nossa “vida” a Ele, que se declara Senhor absoluto de nosso ser; no ato de seu *tornar-se invisível*, somos fortalecidas pelo reconhecimento do compromisso de voltar à causa primeira do discipulado – Jerusalém! Desde a CLAR as luzes nos vêm pelo convite a, com Jesus, frequentar Betânia (Jo 11 e 12; Lc 10), casa de encontro, comunidade de amor, coração da humanidade, acentuando a dimensão comunitária do discipulado radical de Jesus. O ser de cada protagonista desta Comunidade que segue Jesus apaixonadamente a ponto de somente emergirem nos textos bíblicos, de Jesus neles emerge, nos convida a entrar, visitar e conhecer os marcantes traços do próprio Jesus, de Marta, Maria e Lázaro. No interior desta comunidade, a Vida Religiosa latino-americana e caribenha torna-se discípula, aprendendo: a) com o Mestre – a ser mais humana e mais próxima (Jo 11,4-5.33-36); b) com Marta – a nos tornar mais discípulas pela profissão testemunhal de nossa fé e pelo cotidiano serviço na diaconia (Jo 11,27; Lc 10,38-42); b) com Lázaro, o discípulo amigo, amado de Jesus – a passar da

morte à vida e a caminhar na liberdade do Espírito (Jo 11,1-44); c) com Maria, a abrir os frascos e derramar o perfume da escuta e do amor (Jo 12,1-8; Lc 10,38-42).

1. Situação.

Quem somos nós neste momento tão significativo para a Igreja povo de Deus, para a Vida Religiosa discípula radical de Jesus? Somos, no Brasil, quase 36 mil Religiosas e Religiosos, e tecemos uma rede de comunidades por toda a geografia. Atuamos em Obras Apostólicas e em Obras Sociais; inserimo-nos em meios populares nas periferias das cidades ou no meio rural; animamos projetos pastorais em níveis diocesano, paroquial e em comunidades onde não há Presbíteros; e avançamos como missionárias/os em fronteiras geográficas, sociais e religiosas; dinamizamos iniciativas em novos espaços de missão, com destaque para o combate ao tráfico de pessoas prioritariamente em tempos de mega-eventos internacionais no Brasil.

Vários são os rostos através dos quais testemunhamos nosso jeito de ser Vida Religiosa no Brasil:

O rosto multiforme dos Carismas Congregacionais: Nosso país acolhe e fortalece 418 Institutos Religiosos e Sociedades de Vida Apostólica, em sua grande maioria surgidos em outros países. Cada um vive um Carisma fundacional, manifestando o amor de Deus em cada dimensão de seu generoso coração gerador de vida. Cada uma dessas expressões de fé contribui para a edificação da Igreja e a construção de uma sociedade de paz e de justiça. O Evangelho de Jesus pode ser lido através do testemunho alegre e gratuito das comunidades religiosas.

E temos um desafio: não sufocar a originalidade, não igualar a expressão carismática de cada grupo; permitir e valorizar o florescimento diferenciado, em comunhão.

O rosto multicultural das Religiosas e dos Religiosos: A diversidade cultural chama a atenção entre nós. Somos diferentes e somos iguais. Diferente é a cor de nossa pele, o formato de nossos olhos, o jeito de nossos cabelos; diferentes são nossos

idiomas e nossos sotaques; diferentes são nossos esquemas mentais e nossa forma de abordagem; diferentes são nossos hinos e nossas tradições... Igual é nosso DNA – somos discípulos e discípulos que nos apaixonamos pelo mesmo Mestre e entregamos nossa vida pelo anúncio de seu Reino. Todas/os somos Irmãos/aos! Uma característica é marcante em meio à diversidade que experimentamos: o jeito de ser Vida Religiosa é contagiantemente brasileiro... Herdamos, de fato, um ato de fé que perpassa nossos projetos de vida e de missão.

E temos um desafio: não confundir inculturação com expressão cultural; não reduzi-la a cantos, danças e comidas; perpassar tudo com a partilha da experiência espiritual diferenciada, em comunhão.

O rosto intercongregacional de nossos lugares missionários e de nossas comunidades missionárias: A Vida Religiosa no Brasil apresenta já um significativo caminho de intercongregacionalidade. Durante os anos 1970 e 1980 as Congregações Religiosas, inseridas na Opção da Igreja pelos pobres e pela formação de Comunidades Eclesiais de Base, deslocaram-se do Sul para o Nordeste do País, com forte marca intercongregacional e interinstitucional. É importante evidenciar a *liderança pastoral-ministerial deste momento*, entre Dioceses e Prelazias. A partir dos anos 1990, a Vida Religiosa retoma vigor profético-missionário ao aprofundar a consciência de sua identidade carismática fundante. Com renovada opção pelos empobrecidos, as Congregações intensificam sua itinerância, desta vez rumo ao Centro-Norte do País, priorizando a Amazônia brasileira e, pouco mais tarde, transpondo fronteiras geográficas. E é importante evidenciar a *liberdade missionária e profética deste momento* de corajosa entrega da vida, a favor da vida. Acompanhando este movimento, a CRB passou a protagonizar a formação, o acompanhamento e a manutenção de comunidades missionárias intercongregacionais na Amazônia, seja em espaços pastorais, seja em defesa do meio ambiente, seja junto a comunidades indígenas. Merece atenção a comunidade itinerante, que atua diretamente junto a grupos ribeirinhos nas margens

dos maiores rios que formam a bacia amazônica. Em meados do ano 2000, a CRB Nacional, em comunhão com o Conselho Missionário Nacional (COMINA), decidiu dar o corajoso e novo passo de avançar em seu compromisso missionário, *fundando uma comunidade intercongregacional em duas aldeias do Timor Leste em situação de pós-guerra*. Durante dez anos, 14 Congregações participaram desta verdadeira escola vocacional missionária intercongregacional. Em continuidade à marcante experiência intercongregacional em Timor Leste, a CRB se faz presente em uma comunidade formada, neste momento, por várias congregações, na periferia da sofrida cidade de Porto Príncipe, no Haiti.

E temos um desafio: superar a tendência de supor que uma experiência intercongregacional possa substituir o compromisso de cada Congregação; não ceder à ideia de que uma experiência intercongregacional possa resolver as dificuldades relacionais ou institucionais de uma Irmã ou de um Irmão.

O rosto missionário dos Institutos inseridos no Brasil: O aprofundamento da reflexão sobre o “lugar” da Vida Religiosa, na Igreja e no mundo, gerou uma nova consciência missionária, principalmente na Vida Religiosa feminina. A consciência de que, em alguns lugares e algumas situações, estávamos favorecendo uma posição de suplência, simplesmente substituindo agentes de pastoral ou agentes sociais, acordou o desejo de *sair* e de responder às reais finalidades definidas pelo Carisma Fundacional que nos atraiu e encantou. Fortalecemos em nós a convicção de que o lugar natural da Vida Religiosa é o Reino de Deus. Inseridas em uma Igreja local, somos por ela enviadas até onde Deus nos deseja. A liberdade, que a profissão dos votos religiosos nos confere, nos dá asas e a disposição de *partir*. Hoje, sentimos-nos missionárias/os na Europa, na África e na Ásia, bem como em Nações Norte e Sul Americanas. Cresce em nós a consciência de que, ali onde estamos, urge a inserção em lugares e situações onde se joga e se decide sobre a vida, sempre a serviço da compaixão e da libertação.

E temos um desafio: vencer a tendência à improvisação e ao imediatismo; assumir o compromisso de uma preparação apropriada e eficaz para uma missão além-fronteiras.

O rosto Comunhão da Vida Religiosa: São sensíveis os avanços em iniciativas de permanente diálogo com a hierarquia da Igreja e com leigas e leigos com quem atuamos em incontáveis projetos. Expressões como redes, parcerias, alianças são sempre mais presentes em múltiplos encontros em que a VIDA ocupa o centro e se torna sujeito de unificação de todos os caminhos. O resultado mais significativo aponta para a concretização de iniciativas principalmente nos campos sociopolíticos, que visam aos direitos humanos, à superação da pobreza e à construção de dinâmicas mais participativas e libertadoras. Em relação a leigas e leigos, em comunhão com a Comissão para o Laicato e o Conselho Nacional de Leigas e Leigos do Brasil, crescemos muito na organização e orientação de grupos que vivem e testemunham os Carismas Congregacionais.

E temos um desafio: a Vida Religiosa masculina é chamada a vencer a tendência à clericalização da Vida Religiosa; a Vida Religiosa feminina é chamada a superar a tendência a permanecer em uma situação de substituta em atividades pastorais. Somos desafiadas a “dar lugar à paixão pelo Reino de Deus”!

O rosto da esperança em estruturas mais leves: A percepção de que o peso institucional sufoca o anseio da Vida Religiosa em abrir-se aos sinais dos tempos e aos apelos de Deus produziu uma nova reflexão, principalmente entre Superiores e Superiores Maiores dos Institutos Religiosos no Brasil. Nós a chamamos de “busca por maior leveza e agilidade institucional em vista da missão”. O quadro descrito nos impacta ainda. Constatamos que não são as obras pesadas que ocupam nossos pensamentos; somos nós mesmas/os – “pessoas pesadas”; somos nós mesmas/os – com formas pesadas de exercer a liderança e o governo dos Institutos; somos nós – incapazes de acreditar na novidade que a juventude pode semear. As iniciativas da CRB Nacional em encontrar uma metodologia favorável à superação do peso institucional que

paralisa várias possibilidades de avanço missionário sugerem: a) o cultivo da espiritualidade da leveza, fundamentada nas palavras e no exemplo de Jesus, cujo jugo é suave e cujo fardo é leve (Mt 11,30); b) a implantação de uma real gestão de mudança, com focos claramente missionários e com método aberto a um novo diálogo com a Igreja e o mundo; c) a superação do conservadorismo que engessa e impede a novidade das experiências diferentes; d) o cultivo da solidariedade e da compaixão; e) uso construtivo das vantagens da conectividade atual; e) investimento contínuo na seleção, formação e acompanhamento de profissionais leigas/os para atuação em Obras Apostólicas e Sociais das Congregações.

E temos um desafio: integrar as raízes da dimensão apostólica de nossas origens com as propostas da gestão ágil e em vista de metas e resultados.



Nosso tempo é sagrado, se o convertermos em *kairós* – tempo de Deus! A Ele pertence a vida, e lhe respondemos corajosamente através da encarnação e do testemunho do Carisma que de seu Espírito recebemos. É neste momento presente que identificamos a oportunidade de fazer nossa a história da Salvação.

É na cotidiana Leitura Orante da Palavra de Deus que a Vida Religiosa enraíza solidamente suas opções e suas decisões. É verdade: a Vida Religiosa no Brasil está inquieta e às vezes “desconcertada” porque confrontada com tempos que obrigam a uma profunda conversão... Mas a Vida Religiosa no



1. Como percebo os “sentimentos” da Vida Religiosa neste primeiro ano do Papa Francisco?
2. Onde identifico processos que nos vinculam às propostas intuídas ao ouvir e ler o Papa Francisco, quando ele se dirige à Vida Religiosa?
3. Como costumo descrever o rosto atual da Vida Religiosa no Brasil em comunhão com a Vida Religiosa latino-americana?

Juventudes e Novas Gerações Protagonismo político!



Este texto quer provocar seus leitores e leitoras para pensarem, em ano eleitoral, sobre o movimento das Juventudes e das Novas Gerações (NG) da Vida Religiosa (VR), em nosso país. É possível perceber o protagonismo do público juvenil nas manifestações sociais, olhando além das notícias midiáticas sobre “bagunça” e “vandalismo”? Como entender a JMJ, como evento de massa, e perceber nesse movimento o desejo de encontro e celebração dos jovens e das pessoas que com eles convivem?



O ano eleitoral é um convite ou convocação para pensarmos nosso protagonismo no campo político. É fato que não recebemos incentivos para refletirmos corretamente sobre este tema. Ao contrário, somos desfocados por muitas informações alienantes que giram em torno de futebol e novelas, levando-nos a uma ideologia condicionadora que nos direciona para o querer e interesses de alguns poucos.

Este contexto se torna mais complicado quando, somado ao contexto do ano eleitoral, vivemos o ano de Copa do Mundo. A história de nosso país mostrou que, em tempos de ditadura militar, o tema do futebol oportunizou grandes barbáries. Ao mesmo tempo em que muitos torciam pelo time de sua nação, a mesma nação contorcia e dava sumiço a muitos de seus “torcedores”. Sim, torcedores que lutavam

*** Rubens Nunes da Mota** é religioso da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap). Bacharel em Teologia pelo IFITEG – GO, graduado em Psicologia, especialista em Terapia Sistêmica (Terapia Familiar), pela PUC-GO, mestre em Psicologia pela UCB.

por um país justo, livre e democrático eram “desaparecidos”, enquanto a multidão gritava “gool” ou cantava “salve a seleção”!

Esta história nos acompanha e não deve ser esquecida, sobretudo em 2014, quando não somente torceremos pelo nosso time, mas iremos sediar a Copa. O desafio é como não nos perdermos no lúdico em detrimento dos próximos quatro anos de governo. Como não focar somente nos jogadores, eleitos pela mídia como “salvadores” da pátria, esquecendo-nos de que haverá eleição para a presidência, senado, câmara federal, governadores e assembleias estaduais. A Copa terminará em julho. Os mandatos duram quatro anos.



O tema Juventudes tem ocupado um espaço de destaque nas mídias e debates políticos, nestes últimos dois anos, em particular devido aos grandes eventos: manifestações e JMJ. Tenho escrito e refletido muito sobre Juventudes, retratando a importância deste termo no plural, na tentativa de compreendermos a diversidade como riqueza.¹ Estes cenários apontam para um novo protagonismo desta fatia da sociedade, rompendo com um aparente silêncio e omissão.

É pena que muitos de nós, cidadãos brasileiros, fiquemos com a superficial e tendenciosa manipulação dos telejornais das grandes emissoras, não chegando às reais motivações dos jovens que saem às ruas. Entre nós, adultos, existe um saudosismo que não nos permite ver a novidade atual, acreditando que somente nossos gritos do passado eram de fato protagonismo. Esta é uma postura que, duplamente, não contribui para com o protagonismo juvenil, tampouco para o crescimento de quem assim pensa, pois para no tempo. Por um lado não dá espaço para compreensão e apoio da novidade, rotulando de baderneiros inconsequentes. Por outro, nos deixa em uma zona de conforto quando acreditamos sermos o único público juvenil que, em seu tempo, fez história.

Não é possível ficarmos somente com a imagem estereotipada transmitida pelos meios de comunicação, nem

1. Vários artigos na Revista *Convergência*, alguns deles: julho-2012; abril-2013; julho-2013.

tampouco julgarmos o todo por alguns equívocos e erros. Junho de 2013 foi marcado por grandes manifestações. Os manifestantes, em sua maioria, eram jovens. Estive em algumas daquelas manifestações pelo País, especialmente em Brasília. Foi possível perceber que, mesmo em meio à confusão com falta de lideranças e de organização, existia um grito que saía com força da garganta como desabafo. Junto com desabafo havia o pedido de socorro para o direito de ser jovem, de ser cidadão, de ter seu primeiro emprego com dignidade, de dizer não à corrupção e sim a uma sociedade justa e solidária, menos excludente, fóbica e punitiva.

Atualmente estamos vendo o fenômeno dos “rolezinhos” nas grandes cidades. Estes eventos são interessantíssimos para percebermos as mudanças de atitudes diante da ideologia do sistema. Os *shoppings centers*, que foram construídos para serem lugares tranquilos, com ar condicionado, ajudando na sensação de que ali o tempo não passa, são os grandes símbolos do capitalismo, com seu incentivo ao consumo, capazes de favorecer a cultura do descartável. O jovem, neste contexto, é mais uma fatia que deve consumir, vista como população-alvo que colabora para sustentar o sistema.

Os “rolezinhos”, nesta reflexão, se tornam o contraste para a lógica do sistema. As portas que estavam abertas para os jovens consumidores, se fecham para quem denuncia a padronização da beleza, das relações, dos altos valores e seletividade. É contraditório para o sistema que um grupo de jovens vá protestar em frente ou dentro das “catedrais” do consumo. É contraditório que um grupo entre no *shopping* para não fazer compras. Temos um susto geral! Não se compreende, pois se trata de uma antilógica, uma população caminhando na contramão do sistema capitalista.



É muito interessante perceber que todo movimento das Juventudes em manifestações e reivindicações sociais,

descritos, veio ao encontro da movimentação da juventude católica para JMJ. Um olhar rápido e simplista poderia contrapor estes dois movimentos, classificando um (social) como revolucionário e outro (JMJ) como alienado. No entanto, ambos dão notícia sobre desejos das juventudes: estarem juntas, darem sentido à vida e se revelarem, manifestarem publicamente que existem e que têm suas buscas e necessidades.

Para muitos jovens que foram para o Rio de Janeiro, não foi fácil conseguir tal proeza, ao contrário. A venda de cachorro-quente, rifas e outras tantas alternativas para angariar fundos revelavam o desejo ardente daquele encontro. O esforço da Igreja, empenhada na articulação da Jornada, não conseguiu alcançar todas as comunidades e suas Juventudes, mas nem isso impediu o espetáculo visto na praia de Copacabana. Por isso, os esforços e a mobilização encetada por tantos jovens, sem as devidas condições e apoio para se atingir o objetivo de estar na JMJ, chamaram tanto a atenção de quem acompanhou a JMJ por dentro.

Evento iniciado com o Papa João Paulo II para os jovens,² a JMJ teve no Brasil uma conotação toda especial com a alegria dos jovens brasileiros e a beleza particular do Rio de Janeiro, mesmo com chuva e frio. As enormes filas e corredores formados pelas juventudes nos metrô, para alimentação em restaurantes ou em outras programações do evento, não conseguiram retirar o entusiasmo de quem foi para se encontrar e celebrar. O calor do encontro se tornava o principal atrativo, relativizando o frio e a chuva.

Especial e extremamente motivadora foi a presença do Papa Francisco. Sua alegria contagiante, expressa pelo sorriso sempre exposto e por sua atenção afetuosa a todos, fez com que a precária estrutura do Rio de Janeiro, para acolher um evento tão grande, fosse posta em segundo ou terceiro plano. O que valeu mesmo naqueles dias e que merecia atenção era a vivência de cada momento. Momentos abrilhantados pelas palavras do Santo Padre e por seu entusiasmo que faziam silenciar ou empolgar, de acordo com a motivação feita por ele. Como afirmar que o jovem de hoje

2. *Convergência*, julho 2012.

não suporta o silêncio e não consegue se organizar depois de ter vivido experiências de silêncio e organização com uma multidão de três milhões de pessoas reunidas?

Estamos relatando que as juventudes católicas também se mobilizaram neste contexto de manifestações nacionais, mesmo que de forma diferente. Este formato diferente não anula a dimensão política que está contida em toda expressão social. Por exemplo, toda resposta positiva das Juventudes e do Papa presentes na JMJ não anulam os grandes desafios que já existiam antes do evento e que continuamos enfrentando no dia a dia. Eis o encontro das diversas manifestações. Realizar um evento religioso não significa colocar à margem as manifestações sociais que ocorreram por todo o País. Inclusive na JMJ, as Pastorais da Juventude se uniram em uma marcha na praia de Copacabana, em defesa da vida das Juventudes, com a bandeira da campanha nacional contra violência e extermínio de jovens. Isso mostra que os anseios dos jovens que estão na Igreja vão ao encontro das legítimas reivindicações que aconteciam pelas ruas de nossas cidades.

Além de não ser algo alienante, a JMJ teve impactos positivos, não somente no âmbito eclesial, mas também no contexto social. A mobilização em prol do evento provocou unidade e soma de forças. A reunião de milhares de jovens motivados pela fé levantou a autoestima dos católicos e deu ânimo à pastoral juvenil. De recluso e tímido ao orgulho de ser católico. Com todo esse ânimo fica o desafio para continuar o processo de reaproximação dos adultos com os jovens, dos jovens entre os jovens e a ligação dessa sensibilidade religiosa com a necessidade de mover-nos no campo político. A dimensão política deve fazer parte de nossas pautas, sobretudo neste ano de eleições, tanto em nível nacional quanto estadual.



Assim como as Juventudes do meio eclesial, as Novas Gerações fazem parte deste contexto que envolve a dimensão política e, mesmo que de maneiras distintas, se manifestam e

3. *Revista Convergência*, maio de 2013.

revelam seu protagonismo. É fato que muitos membros das Novas Gerações da Vida Religiosa se fizeram presentes ativamente junto às Juventudes nos manifestos citados. É notória também a presença da Vida Religiosa Jovem junto às pastores juvenis contribuindo na formação da consciência crítica e com reflexões acerca da necessidade de conquistar e fazer valer as políticas públicas para as Juventudes.

Em ano eleitoral e de Copa de mundo, os temas da consciência crítica e atuação política nos fazem refletir sobre como estamos tratando estes assuntos no processo formativo. A formação inicial deve ter uma atenção especial, através do acompanhamento personalizado, para detectar tanto o protagonismo quanto valores e contravalores que chegam junto com a história da pessoa na VR. Acolher a pessoa com seus dons e limites e proporcionar reflexões que despertem para consciência crítica e política podem possibilitar uma liderança religiosa que venha contribuir não somente com a instituição religiosa da qual faz parte, mas com a Igreja e a sociedade. A abordagem destes temas vai desde estudos sistemáticos até simples incentivos que podem criar hábitos formativos, como a circularidade nos papéis de lideranças exercidos na casa de formação (economia, coordenação...), bem como assinaturas de revistas que abordem temas relevantes (sociais, teológicos, juventudes...).

Com incentivo e testemunho das instituições, a possibilidade de a VR ter lideranças mais bem preparadas é, sem dúvida, mais eficaz e estimulante. Além da dimensão política social e partidária, gostaria de ressaltar alguns outros aspectos das Novas Gerações, dentro das instituições religiosas que retratam seu protagonismo. A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional) e a Conferência Latino-americana dos Religiosos (CLAR) têm feito processos bonitos de incentivo à articulação e reflexão das Novas Gerações. Sobre este processo já relatamos³ a importância dos grupos Novas Gerações, em nível regional, dos Congressos Nacionais e Latino-americanos. É um movimento que, no todo, desinstala a Vida Religiosa Jovem e a convoca para seu protagonismo congregacional, eclesial e social.

Este tema sobre o despertar de lideranças nas congregações é amplo e não será tratado aqui com a intenção de dar respostas. Meu propósito, como alguém que reflete a partir da escuta da experiência de acompanhamento das Novas Gerações, durante os triênios 2007 a 2013, diz respeito à busca de equilíbrio entre os polos, passividade e excessos. O polo da passividade denuncia um processo formativo que infantiliza e apadrinha, muitas vezes, aburguesando, através de privilégios e ociosidades. Este esquema vai à contramão da realidade do povo de Deus que precisa trabalhar, estudar e dar conta de sua missão pastoral. No outro lado do polo está uma Vida Religiosa excessiva nas tarefas, internas e externas, a ponto de sufocar e fazer perder o sentido vocacional.

Nestes dois triênios (2007-2013) fizemos uma pesquisa nacional com as Novas Gerações, que apontou três grandes áreas a serem mais bem trabalhadas, pois emergiram como desafios e fragilidades: a convivência fraterna, a afetividade e sexualidade e a espiritualidade. Diante destes temas os polos da sobrecarga ou da infantilização e aburguesamento não ajudam. Ao contrário, deixam à margem a real necessidade da Vida Religiosa Jovem. Não somente deixam de atender às reais necessidades, como impedem o protagonismo saudável das Novas Gerações. Digo saudável porque não vejo protagonismo em alguém com muitas tarefas, títulos e cargos que impeça de vivenciar e dar consistência ao que lhe é próprio na VR: experiência de Deus, aprofundamento do carisma e vivência da dimensão missionária. Estes três pontos são essenciais e devem constar em um projeto de vida ajustado com o carisma pessoal e as necessidades da instituição religiosa e eclesial, bem como serem contextualizados socialmente.

A atenção ao processo formativo nas instituições religiosas e continuidade do incentivo que vem dando a CRB Nacional às Novas Gerações são apoios necessários para seu protagonismo e perseverança. Não é fácil a manutenção de um ritmo desencadeado por congressos tão entusiastas como foram os dois congressos do Brasil (2006 e 2013), mas é necessário dar continuidade ao processo e isso já está sinalizado.

Tanto pela CRB Nacional, com sua nova assessora, Irmã Vanézia Silva Pereira, que já está ajudando na articulação dos grupos Novas Gerações, como pela CLAR, que projeta para março de 2015 seu III Congresso Latino-americano e Caribenho das Novas Gerações.

Creio que tratar sobre os riscos de uma formação que pode proporcionar a infantilização e aburguesamento alertam para um tipo de VR apática, que não só terá dificuldades de gerar lideranças equilibradas (que não visem ao carreirismo), como também o risco da instalação na instituição como “ninho” ou lugar de acomodação. O incentivo ao protagonismo dentro e fora da instituição, de forma equilibrada, conjugando o senso político com a profundidade na experiência de Deus, com uma mística que dê conta de revelar uma fé madura, é o que precisam as Novas Gerações para expressar uma VR mais atuante no campo eclesial e político-social.



Esta breve reflexão teve a intencionalidade de provocar, em ano político, um olhar além da Copa do Mundo, para um protagonismo das Juventudes no campo social, na dimensão eclesial com a JMJ e diversos eventos ligados à defesa da vida, bem como das Novas Gerações no âmbito da Vida Religiosa.

O olhar crítico para a história nos mostra que, no período da ditadura militar em nosso País, o futebol e outros eventos lúdicos eram utilizados para ocultar a tortura, a repressão e os assassinatos. Assim, se faz necessário cuidar para que, em ano eleitoral, não fiquemos somente na Copa, mas saibamos ver e aprendamos o que têm sinalizado as novas formas de manifestações, tanto das Juventudes no campo social quanto das Novas Gerações.



1. Vimos que nossas mobilizações no campo eclesial não precisam ser desconectadas do campo social, especialmente político. Como trazemos o tema da política para o meio eclesial sem estereótipos ou partidarismos que dividem a comunidade?
2. Quando as Juventudes têm objetivos, não faltam esforços para atingir seus ideais. Diante de tantos projetos que temos para a missão que envolve o tema juventude, como despertar a devida motivação para que os jovens sejam protagonistas deste processo?
3. Assim como no campo social, a Vida Religiosa precisa investir na discussão política dentro das congregações e institutos. Como incentivar o protagonismo sem instrumentalizar as Novas Gerações ou excluí-las do processo participativo?

Institutos Seculares no contexto eclesial

★ **Moema Rodrigues Muricy** é consagrada secular do Instituto Secular Murialdo (ISMUR), do qual é a fundadora. O ISMUR tem sede em Caxias do Sul e também se encontra no Paraná. No exterior, está presente no Chile, Argentina, Equador, México e Itália. É graduada em História, especialização em Ensino Religioso, e mestra em Teologia Sistemática com pesquisa em Institutos Seculares. Fundou e coordena o Espaço de Espiritualidade Shekiná (www.shekinacaxias.com.br), que promove retiros de espiritualidade, especialmente para professores. **Endereço:** Rua Vinte de Setembro, 2069, apto. 03 – CEP: 95020-450 – Caxias do Sul – RS.

A encarnação do Verbo, centro da fé cristã, confirma a dignidade do homem e do mundo. Entretanto, a secularização, como processo do discurso racional sobre a compreensão do mundo, de origem na modernidade, afasta-se da ótica religiosa desafiando o crente. É a passagem de um mundo, onde a fé e a Igreja Instituição estavam no centro, para outro mundo, onde prioriza a racionalidade humana, abrindo-se à modernidade e à secularização. É nesse contexto social que surgiram associações com um estilo de vida consagrada e que, mais tarde, viriam a ser reconhecidas pela Igreja pelo Papa Pio XII na Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia* (02.02.1947) e se constituiriam como Institutos Seculares.

A discussão sobre a natureza da vida consagrada dos Institutos Seculares no contexto eclesial já foi preocupação da reflexão teológica de Karl Rahner e Von Balthasar.



A Igreja experimenta a força do Espírito Santo como comunidade messiânica de serviço pelo Reino de Deus no mundo.¹ A força criativa da comunidade cristã se encontra na força vital do Espírito Santo. Os carismas servem para a edificação da comunidade, também presentes, individualmente, em cada membro que a compõem. A comunidade de Cristo tem o seu único fundamento no Espírito Santo, assim a unidade de todos os carismas é dada em Cristo. Portanto, a decisão se há um carisma ou não é percebê-lo

inserido na obra de edificação da comunidade de Cristo em atenção à força do Espírito.

A vocação se situa no serviço de edificação da nova criação, como estado particular de cada cristão. A comunidade dos batizados é a comunidade dos chamados.² No Batismo, base da vida cristã, todos somos mortos com Cristo e renascidos para uma vida nova, como chamada universal à santidade.

A Igreja, comunidade de Jesus Cristo, deve manifestar ao mundo a vida nova proposta por Deus. A Vida Consagrada, no passado e no presente, está unida ao mistério da Igreja e pertence a sua vida e santidade (LG 44). São importantes grupos inovadores que vivem a radicalidade do Evangelho, enfrentando os desafios da sociedade, nas suas inquietudes, sofrimentos e conflitos em solidariedade e na luz da esperança cristã. Trazem a esperança do Reino e buscam transformar o mundo, tendo como norma de vida o sermão da montanha, na absoluta dedicação à missão de Cristo. Esse estilo de vida é carismático, profético e escatológico. Na sua caminhada histórica, desde a origem, respondem aos desafios do tempo pela força do Espírito e apontam para o Reino. É nesse contexto que se encontram os Institutos Seculares, como vocação e missão.

Os Institutos Seculares são uma nova e original vocação como consagrados, vivendo a castidade, pobreza e obediência no meio do mundo, tendo como missão responder ao processo cultural da secularização e da sua relação com Igreja. Assim, justifica-se esse *estar no meio do mundo*, vivendo as vicissitudes próprias de sobrevivência como os leigos.

Rahner considerava a relação de identidade entre os Institutos Seculares e Vida Religiosa quanto à substância dos conselhos evangélicos.³

Von Balthasar reflete sobre o lugar teológico dos Institutos Seculares que caminham solitários no *deserto do mundo*, vivendo o Mistério como consequência da encarnação e, no sentido escatológico, como mensageiro do Reino, identificando sua existência com a Igreja de Cristo. Na Igreja, o plano da ágape une a todos pelo preceito unitário do amor a Deus e ao próximo. Isso é decisivo para compreender

1. MOLTSMANN, Jurgen. *La chiesa nella forza dello spirito*. Brescia: Queriniana, 1976. p. 377.

2. MOLTSMANN, Jurgen. *La chiesa nella forza dello spirito*. Brescia: Queriniana, 1976. p. 391.

3. Cf. RAHNER K. *Sendung und Gnade*, 377-378, apud CAÑVATE, Juan Manuel Cabezas. *Los Institutos Seculares: se y que hacer*. Madrid: EDICEP, 1999, p. 121-122.

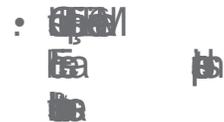
os Institutos Seculares no plano de organização da Igreja, como um novo estado eclesial. Balthasar afirma a importância dos conselhos evangélicos e da espiritualidade para uma plena personalidade da vocação dos Institutos Seculares. A ideia de uma vida, conforme os conselhos evangélicos no mundo, não tem que parecer como algo paradoxal, porque o radicalismo no seguimento de Cristo pode destacar mais o escatológico ou mais a encarnação.⁴

A consagração pela profissão dos conselhos se constitui como uma ação eclesial, um modo de ser Igreja que Deus concede para a edificação, serviço e santidade da própria Igreja e do mundo, pela construção do Reino.

A compreensão dos Institutos Seculares como nova e original vocação possibilita a percepção de que não há antagonismo entre consagração e secularidade, características desse estilo de vida. O primeiro campo de evangelização é a partir do próprio trabalho profissional, tendo em vista responder ao mundo secularizado pela missão.

Os Institutos Seculares também podem contribuir para o mundo secularizado, mostrando a possibilidade de escutar Deus e significar a própria existência, transcendendo as vicissitudes diárias e o desencanto do niilismo pela esperança cristã.

A vitalidade dos Institutos Seculares, entretanto, dependerá da sensibilidade para a leitura dos sinais dos tempos com coragem e criatividade, na fidelidade ao Senhor, para descobrir novos caminhos no diálogo com a cultura secularizada.



A Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia* de Pio XII reconheceu os Institutos Seculares como dom do Espírito Santo para o bem da Igreja, como novo e original estado de vida consagrada, mas que permanece no meio do mundo, a fim de atingir sua missão. Essa vocação é uma resposta ao mundo secularizado, vazio de Deus, mas que ao

4. Cf. BALTHASAR, H. U. Von. *Ensayos Teológicos II*. Sponsa Verbi. Madrid: Los Libros del Monograma, 1960, p. 506.

mesmo tempo busca Deus como anseio mais profundo do coração humano. Por essa vocação foram designados como Institutos Seculares e, na aprovação pela *Provida Mater Ecclesia*, isso fica bem claro.

Levar autenticamente, em todo o tempo e lugar, a vida de perfeição. Abraçá-la em certos lugares em que a Vida Religiosa canônica torna-se impossível ou pouco adaptada. Recristianizar, intencionalmente, as famílias, as profissões, a sociedade, graças ao contato imediato e cotidiano duma vida perfeita e totalmente consagrada à santificação, exercendo o apostolado sob múltiplas formas.⁵

Nos Congressos Internacionais dos Institutos Seculares, as alocuções dos Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI refletem sobre a importância dessa vida consagrada, como também o decreto conciliar *Perfectae Caritatis*.⁶

O Papa Paulo VI reconheceu os Institutos Seculares como fenômeno característico muito consolador da Igreja contemporânea, numa sociedade esquiada de se encontrar com Cristo e que faz divórcio entre fé e vida, entre progresso científico e a fé no Deus vivo. Considera que a realidade teológica dos Institutos Seculares caminha na linha definida pelo Concílio Vaticano II, conforme a *Lumen Gentium* e a *Perfectae Caritatis*, na forma institucional de cristãos consagrados ao Cristo. Mostra a coincidência entre o carisma dos Institutos Seculares e uma das mais claras e importantes diretrizes do Concílio Vaticano II: a presença da Igreja no mundo. Acentua que a santidade e a oração são condições essenciais para a missão secular, pois a fonte da vitalidade é Jesus Cristo.

A missão confiada aos Institutos Seculares é ser modelo de incessante impulso para uma nova relação que a Igreja procura encarnar, como serviço ao mundo. Paulo VI incentivava os membros dos Institutos Seculares a fazerem da sua profissão cristã uma energia construtora com disposição à missão, dando ânimo à caridade. Considera, como primeira e imediata tarefa, colocar em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes no mundo, abrangendo, como campo de evangelização, as

5. *Perfectae Caritatis* n. 11.

6. Cf. PAULO VI. Alocução ao Congresso Internacional dos Institutos Seculares. 20.09.1972. Roma: CMIS, p. 62. (Documento).

realidades políticas, sociais, econômicas, culturais dos meios de comunicação, como também das ciências e artes.⁷

Paulo VI insiste em que os Institutos Seculares voltem às fontes e às inspirações primitivas para verificar a fidelidade própria e originária de cada Instituto: “Qual é o vosso dom específico, vosso papel característico, o *quid novum* que dais à Igreja de hoje?”⁸

João Paulo II também reflete sobre a vocação e a missão do consagrados seculares, como capazes de articular o diálogo com o mundo, buscando superar a tensão entre a abertura objetiva aos valores do mundo e o dom pleno do coração a Deus, chamando a atenção para o secularismo.

Considera que a autêntica secularidade, objetivo dos Institutos Seculares, reveste-se dos sentimentos de Cristo para ser sinal de amor no mundo. O consagrado secular deve promover as realidades da ordem natural com o compromisso de fazer intervir os valores da fé, integrando-os harmoniosamente na vida. Assim, contribuirá para mudar o mundo a partir de dentro, como fermento. João Paulo II aponta três condições de fundamental importância para a missão:

1ª – Ser verdadeiros discípulos de Cristo pelo radicalismo do compromisso em seguir os conselhos evangélicos. A consagração especial que conduz a sua plenitude a consagração do batismo e da confirmação, deve impregnar toda a vida e todas as atividades cotidianas dos consagrados seculares, criando disponibilidade total diante da vontade do Pai que os colocou no mundo e para o mundo. Desse modo a consagração será elemento de discernimento do estado secular, conservando a consciência da ambiguidade permanente que o acompanha. A consagração contesta as seguranças humanas, frutos do orgulho, e significa o mundo novo querido por Deus.

2ª – Ser verdadeiramente competente no saber e na experiência para exercer o apostolado do testemunho e do compromisso para com os outros que impõem a consagração e a vida na Igreja. A competência é importante, no campo específico, por mais modesto e comum que seja, pois colabora na construção da sociedade e no serviço generoso aos irmãos.

3ª – Mudar o mundo por dentro.⁹

Na expressão *mudar o mundo por dentro* o papa João Paulo II se refere a uma presença transformadora no mundo, através de uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história.

Esse Papa considera a experiência da busca e do encontro pessoal com Deus vivo como o mais precioso que se tem para oferecer aos homens. A evangelização tem raiz na santidade e requer comunhão eclesial que começa dentro dos Institutos Seculares e se amplia na comunhão com o povo de Deus. Aponta a importância do testemunho de vida, do diálogo, do contato pessoal, do serviço escondido, da presença individual e comunitária, do anúncio e da denúncia profética, da defesa da verdade e do amor para a realização da evangelização.¹⁰

João Paulo II estimula que o consagrado secular seja síntese de fé e vida, de Evangelho e de história humana, de consagração integral e de disponibilidade para servir os irmãos. Assim, tornam-se testemunhas da fraternidade e amizade cristãs, hoje tão necessárias, especialmente nas grandes áreas urbanizadas.¹¹

Os Institutos Seculares devem assumir as urgências pastorais das igrejas particulares, respeitando suas características, para assegurar que os seus membros participem da comunhão com a Igreja concreta, nas suas esperanças e inquietudes. Nessa missão evangelizadora devem ter bem presente as profundas transformações culturais e sociais, fazendo frente a esses desafios pelo seu carisma específico. “Estais no cen-

Bento XVI considera que o caráter secular da consagração disponibiliza os meios para uma relação profunda com os sinais dos tempos, através do discernimento pessoal e comunitário, à luz do Evangelho. Incentivou os membros dos Institutos Seculares, como missão, a agirem em virtude de cada dor e injustiça, mas também em busca de valores, como verdade, bondade e beleza, cientes de que não têm a solução para os problemas, mas que são testemunhas da obra salvífica de Deus. A missão secular é comprometida com a construção da sociedade a fim de que, nos vários âmbitos, se reconheçam a dignidade da pessoa humana e os valores para sua realização, envolvidos com a finalidade para a qual veio o Filho de Deus.¹³

No Código do Direito Canônico de 1983, os Institutos Seculares ganham espaço jurídico como Instituto de Vida Consagrada.¹⁴



Os Institutos Seculares são uma nova e original vocação de vida consagrada, dom do Espírito Santo à Igreja, vivida no meio do mundo, como fermento evangélico. A missão é de colaborar na relação entre a Igreja e a cultura secularizada e afastada de Deus; desse modo, tornam-se uma ação eclesial, um modo de ser Igreja.

A primeira preocupação de cada Instituto Secular deverá ser de incentivar, orientar e proporcionar momentos para que seus membros vivam a experiência de Deus, sobretudo pelo alimento da Palavra e da Eucaristia. Porém, para isso, é preciso organizar espaço para a oração, na correria do cotidiano e, no encontro com Deus, revitalizar o encontro humano e todo o agir missionário.

Outra preocupação importante é a de como responder à cultura secular na missão. Não é uma tarefa fácil, pois exige criatividade carismática que abra novos horizontes, pela sensibilidade e atenção aos sinais dos tempos, no que envolve esse processo de secularização. Os membros devem ter não só clareza sobre sua identidade vocacional, mas esperança da

13. Cf. BENTO XVI. Semente de santidade lançada em abundância nos sulcos da história. *L' Osservatore Romano*. Redação e Administração: Cidade do Vaticano. 10.02.2007, p. 7.

14. Cf. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Cân. 710 a 730.

possibilidade da fé, diante dos desafios do novo paradigma cultural trazido pela secularização e a valorização da criação, como capazes de abrir-se ao Mistério e ser conciliáveis com a experiência de Deus.

A missão deve ter como base as comunidades dos Institutos Seculares, onde se vivencie relações humanas e fraternas que sejam portadoras de alegria pelo testemunho da experiência de viver em Cristo sua vocação e missão. Essa experiência de comunidade, nos Institutos Seculares, não se dá na vivência sob o mesmo teto, mas por laços profundos pela mesma fé no chamado vocacional. A unidade se fortifica pelo sentido de pertença, pela abertura do coração, nas alegrias e nas tristezas, pelas experiências e pelo apoio e discernimento na caminhada vocacional. É nessa unidade que se curam as feridas e se consolida o crescimento humano e espiritual. É como se exercita o perdão, a confiança mútua, a oração, a partilha, o serviço, a fidelidade e a confiança na Divina Providência nos desafios diários.

A partir da sua comunidade fraterna, a pessoa consagrada secular é enviada em missão, levando na mente e no coração o projeto comum carismático. Retorna na alegria, pelo reencontro fraterno, relatando suas experiências e haurindo novas forças para continuar a sua caminhada à qual foi chamada por Cristo, como vocação e missão no contexto eclesial.



BALTHASAR, Hans Urs von. *Sponsa Verbi. Ensaios teológicos II*. Madrid: Guadarrama, 1964.

_____. *Estados de vida del Cristiano*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1994.

BENTO XVI. Semente de santidade lançada em abundância nos sulcos da história. *L' Osservatore Romano*, edição Portuguesa. Redação e Administração: Cidade do Vaticano, 10 fev. 2007.

BEYER, Jean. *La consagración em los Institutos Seculares*. Madrid: CEDIS, 1996.

BINGEMER, Maria Clara L. *Fases e interfases da sacralidade em um mundo secularizado*, p. 285-332. 1ª SIMPÓSIO TEOLÓGI-

- CO INTERNACIONAL UNICAP “TEOLOGIA EM DIÁLOGO”. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 1983.
- DOCUMENTOS INSTITUTOS SECULARES. Conference Mondiale des Instituts Seculiers. Roma: CMIS, 1995.
- DORRONSORO, Juan J. Cinquentenário da *Provida Mater Ecclesia*. *Revista Diálogo*, Roma: Portuguesa, v. XXVI, n. 116, p. 3-15, 1998.
- FAZIO, Mariano. *Storia delle idee contemporane – una lettura del processo di secolarizzazione*. Roma: Edizioni Università della Santa Croce, 2005.
- GOMEZ, Jesús Álvarez. *Vida consagrada para el tercer milenio*. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1999.
- KASPER, Walter. *Chiesa Cattolica: essenza, realtà, missione*. Brescia: Queriniana, 2012.
- LAZZATI, Giuseppe. *Consagración – Secularidad*. Madrid: CEDIS, 1996.
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MOLTMANN, Jurgen. *La chiesa nella forza dello spirito*. Brescia: Queriniana, 1976.
- MURICY, Moema Rodrigues. *Institutos Seculares, vocação e missão*. São Paulo: Paulus, 2011.
- PAREDES, José Cristo Rey Garcia. *Teologia de las formas de vida cristiana: Perspectivas Sistemático-Teológicas III*. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1999.
- PAULO VI. *Gli Istituti Secolari una presenza viva nella Chiesa em el mondo*. Milano: Edizioni OR, 1986.
- PIO XII. Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia (Anexa Lex Peculiaris)*. Roma: CMIS, 1995.
- SOMMARUGA, Germana. *Consagrazione scolare valori comuni e valori specifici*. Milano: Edizioni OR, 1986.
- TRESALTI, Emilio. Los Institutos Seculares y la Iglesia local. *Revista Dialogo*, Roma, v. XXIX, n. 129, p. 11, II Trimestre, 2001.



1. A missão dos Institutos Seculares é explícita na sua caminhada histórica e, no reconhecimento pela Igreja, através do documento *Provida Mater Ecclesia*, como resposta ao processo cultural de secularização na relação com a Igreja. Como responder a essa missão, hoje, no contexto do mundo secularizado e afastado de Deus?
2. Há necessidade de um projeto em cada Instituto Secular, de acordo com seu carisma específico, que oriente seus membros na vocação e missão, conforme o contexto eclesial. Quais os enfoques que devem aparecer nesse projeto?
3. Como concretizar uma comunidade fraterna, no específico de cada Instituto Secular, para que seus membros não se sintam isolados na sua vocação e missão, pois a maioria vive e atua sozinho no meio do mundo?

Experiência religiosa na internet e midiatização da religião

Provocações ao diálogo sobre a missão e a pastoral nas redes digitais

★ **Moisés Sbardelotto** é doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo/RS. Bolsista do CNPq. Ex-coordenador do Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil (Stiftung Weltethos) e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **E-mail:** <msbardelotto@yahoo.com.br>.

1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/vatican>>.

2. Disponível em: <<http://www.pope2you.net>>.

3. Disponível em: <<http://www.news.va/pt>>.

4. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>.



Nas mídias digitais, vemos a manifestação de um “novo Verbo encarnado”, de um novo tipo de relação fiel-sagrado. Em uma “sociedade da comunicação generalizada” (cf. VATTIMO, 1992), percebemos que a internet, em suas diversas redes e conexões, passa a ser também um ambiente para as práticas religiosas, o que caracteriza um fenômeno de midiatização da religião nas sociedades contemporâneas. E se “é à luz da revelação feita pelo Verbo divino que se esclarece definitivamente o enigma da condição humana” (BENTO XVI, 2010, s/p), é primordial entender também essa nova “encarnação” do Verbo.

A alta hierarquia da Igreja Católica, especificamente, respondeu a esse fenômeno comunicacional com uma espécie de “contrarreforma digital”. Alguns exemplos: em 2009, o Vaticano lançou seu próprio canal no YouTube,¹ com vídeos atualizados diariamente. No mesmo ano, foi lançada a página Pope2You,² uma iniciativa que, através do Facebook e de um aplicativo para iPhone, permitia o acesso a mensagens de Bento XVI e o envio de cartões digitais. Em 2010, foi lançado o site News.va,³ reunindo departamentos de mídia e comunicação da Santa Sé. Um ano depois, o site do Vaticano⁴ foi reformulado, apresentando uma nova disposição dos conteúdos e possibilitando seu acesso em celulares e leitores eletrônicos. Em 2012, a Rádio do Vaticano anunciou que deixaria de transmitir sua programação em ondas médias e curtas na maior parte da Europa e da América,

reforçando seu acesso através da internet. No mesmo ano, em dezembro, o Papa Bento XVI entrou no Twitter e começou a enviar seus tuítes por meio da conta @Pontifex⁵ (cf. SBARDELOTTO, 2013). E, no início de 2013, foi lançado o Pope App, um aplicativo para iPhones e iPads para “acessar todo o conteúdo oficial relacionado com o Papa em qualquer formato”, como indica o site oficial do serviço.⁶

Assim, a Igreja tenta lidar, mesmo que vagarosamente, com o funcionamento desse novo mundo comunicacional, ainda em exploração, que lhe exige uma postura à altura das exigências sociais e comunicacionais contemporâneas. Mas como enfrentar os desafios dessa nova realidade, em que os questionamentos do ambiente digital parecem ser sufocantes, especialmente para a vida espiritual e também eclesial?

Neste artigo, buscamos oferecer algumas pistas de reflexão e de provocação a partir do fenômeno da midiatização e do “fazer-se bit do Verbo” na internet. Primeiramente, refletiremos sobre o novo contexto sociocomunicacional marcado por um fenômeno que vem sendo chamado de midiatização, com incidências também sobre a prática religiosa. Em seguida, analisamos alguns deslocamentos da experiência religiosa na internet. Por fim, concluímos que o sagrado em bits nada mais é – e assim deve ser – do que um *ponto de partida* para uma vivência de fé que deve se dar “*ultra media*”. Com isso, esperamos despertar algumas possibilidades de fomento do diálogo sobre a missão e a pastoral “no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé” (BENTO XVI, 2013, s/p).



Constatamos hoje o *desvio* do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos midiáticos e digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma prática religiosa que encontra suas raízes na realidade off-line, mas que é agora ressignificada para o

5. Disponível em: <<https://twitter.com/pontifex>>.

6. Disponível em: <<http://www.news.va/thepeapp>>.

458

ambiente digital, possibilitando uma experiência religiosa por meio da rede. Ou seja, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos sacerdotes de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas tam-

459

CONVERGÊNCIA

do sagrado (hierofanias) que ocorrem na vida pessoal, é a “relação interior com a realidade transcendente” (MARTELLI, 1995, p. 135).

Essa experiência ocorre em todos os lugares e em toda a história, embora suas expressões sejam cultural e historicamente condicionadas. Pode-se “experimentar Deus *sempre e em qualquer situação*” (BOFF, 2002, p. 90, grifo nosso), como também nas redes digitais – experiências religiosas *diversas e difusas*, que também se consumam na sua comunicação aos demais, pelo testemunho em rede. Um circuito comunicacional, de fato, que interliga o fiel e o sagrado, mas também um “outro” a quem o fiel narra a sua experiência, via mídia.

Ocorre assim uma revolução no fazer religioso. Em primeiro lugar, *temporalmente*, os tempos e períodos tradicionais da vida litúrgica da Igreja mudam fortemente na internet. Agora, um ritual religioso pode ser feito a qualquer hora do dia e em qualquer lugar, independentemente dos horários e da localização dos demais membros da comunidade. O sistema digital se encarrega de mediar essa interação. Os processos lentos e vagarosos da ascense espiritual (os “séculos dos séculos”) vão sendo agora substituídos por uma lógica da velocidade absoluta, marcada pela expectativa de onitemporalidade e de imediaticidade que a digitalização fomenta.

Por outro lado, há um deslocamento *espacial* da experiência religiosa: a celebração feita do outro lado do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto. Assim, instaura-se uma nova forma de presença: uma “telepresença”, possibilitada pelas representações de sagrado disponíveis no sistema católico on-line. Mas a essência dessa nova modalidade de presença é a não presença, a “antipresença” (cf. MANOVICH, 2000): não é necessário que o fiel esteja lá fisicamente para estar lá digitalmente. Assim, também entra em xeque a noção de *participação*.

A religiosidade digital também traz consigo uma *materalidade* totalmente própria: numérica, de dígitos que podem ser alterados, deletados, recombinações de acordo com a vontade do sistema e/ou do fiel. Mas isso pode passar despercebido ao fiel, devido à transparência da técnica: a sensação

de sacralidade construída pelo sistema promove (ou reforça) a crença de que o fiel está *diante de* (e *apenas de*) Deus, sem atentar para os protocolos e lógicas que a técnica comunicacional imprime sobre a sua experiência religiosa.

Discursivamente, o fiel constrói sentido religioso por meio de narrativas fluidas e hipertextuais, marcadas por uma constante descontextualização e recombinação de sentidos. São discursos fragmentários, em que o fiel seleciona e escolhe a alteridade discursiva (terrena ou divina) com a qual quer se comunicar. De um lado, a internet apela a uma fé individualizada (o indivíduo diante da tela), mas isso não elimina a assembleia, embora agora extremamente fluida, maleável, passageira e geralmente desconectada da vida do fiel. Impera a lógica do acesso, em que o pertencimento-participação em uma comunidade não se define pela localização geográfica, mas sim por uma ambiência fluida em que só faz parte dela quem a ela tem acesso.

Ritualisticamente, os atos e práticas de fé do fiel constroem-se agora mediante a *liturgia digital* da internet, marcada por uma lógica da seleção. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também centrada, vivida, praticada e experienciada pela mídia, em que esta oferece modelos para as práticas e o imaginário litúrgico. De base computacional, explicita-se na internet uma *religiosidade algorítmica*, em que o fiel *faz o sistema fazer* o que já está programado.

Assim, nos usos, práticas e apropriações dos fiéis, reconstrói-se e ressignifica-se continuamente o sentido do sagrado. Vê-se na internet uma *religiosidade em experimentação*, marcada pela pouca fidelidade institucional e doutrinal, pela fluidez dos símbolos em trânsito religioso e pela subjetivação das crenças. O desafio é enfrentar essa realidade com responsabilidade pastoral crítica, sem anacronismos, nem deslumbramentos, percebendo na digitalização uma *complexificação* do fenômeno religioso – não necessariamente a sua *simplificação* ou *facilitação*, muito menos a sua *salvação*.



O sagrado se manifesta em sua total “graça”, literalmente como, quando, onde e se “Deus quiser”, diante de uma interioridade pessoal que a ele se abra profundamente. Mesmo que o sagrado possa manifestar-se em pedras, árvores, ou até em bits,

não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore [ou do bit como bit]. A pedra sagrada, a árvore sagrada [e o bit sagrado] não são adoradas como pedra ou como árvore [ou como bit], mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra nem árvore [nem bit], mas o sagrado (ELIADE, 1992, p. 13).

Dessa forma, o sagrado, em sua “encarnação em bits”, ganha sentido e se complexifica nas interações com o fiel, que são *totalmente livres, íntimas, misteriosas*. O que sabemos é que elas ocorrem, *algo ocorre, e algo sagrado*. Um sagrado que *não está lá*, mas se revela e é descoberto *mediante a experiência do fiel*. Se os fiéis de hoje, como o Moisés bíblico, “sobem a montanha digital”, é porque viram uma “sarça ardente” em seu topo (cf. BRASHER, 2004).

Contudo, a hierofania não se restringe a um único âmbito do humano, pois o sagrado *não pode* ser contido, por exemplo, pelo ambiente digital, nem pode se encontrar em sua totalidade em um elemento específico (muito menos em um bit, um pixel, que, além do mais, pode ser alterado a qualquer instante). O sagrado escapa e supera todos esses elementos. “O sagrado equivale [...] à realidade por excelência [...] está saturado de ser” (ELIADE 1992, p. 14): é a Realidade absolutamente transcendente, o totalmente Outro, o *superior summo meo* e o *intimior intimo meo*.

Na experiência religiosa on-line, portanto, é preciso conservar intactas a *distância* e a *diferença* entre o digital e uma Realidade Última *ultra media*, uma exterioridade divina que vai (muito) além da tela conectada à internet e de seus

elementos simbólicos: o bit pode revelar algo do sagrado, *mas não é o sagrado*. Assim como a internet “é talvez a imagem mais bela da *incompletude do real*; [pois] nas *home pages* não há nada que seja completo” (GRILLO, 2011, p. 34) – todos os conteúdos são maleáveis, flexíveis, modificáveis, deletáveis – a experiência religiosa da internet também é “incompleta”, assim como qualquer outra experiência religiosa, pois sempre trará consigo mediações (e talvez até deturpações) culturais e históricas.

Continuando a metáfora de Brasher (2004), portanto, a “montanha digital” da internet conserva “em toda a sua complexidade o *ponto de partida experiencial* e, por isso, confuso e magmático, pluralista e descentrado, do qual emerge o ato da fé” (GRILLO, 2011, p. 35, grifo nosso). Mas não só isso: a voz que saía da sarça, no texto bíblico original, dizia a Moisés: “E agora, vai! Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito” (Ex 3,10). Portanto, a montanha e a sarça foram apenas o *ponto de partida* de uma experiência de Deus que se revelou muito mais complexa, ampla e exigente, *para além da própria montanha e da própria sarça*, dando início a uma longa “busca pela Terra Prometida”. Assim também a experiência religiosa on-line deve ser um *ponto de partida* para uma experiência ultramidiática, que deve se abrir ao horizonte amplo e desafiador da busca pela libertação do povo de Deus.

“Não se testemunha o Evangelho em rede limitando-se a ‘inserir conteúdos declaradamente religiosos nas plataformas dos diversos meios’, fechando-se às perguntas verdadeiras e urgentes, às dúvidas e aos desafios das pessoas de hoje” (SPADARO, 2013, p. 227). Portanto, não basta se contentar com a “transfiguração” da experiência religiosa on-line e “construir tendas” digitais: é preciso “descer da montanha” e ir ao encontro da “grande multidão” (cf. Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). O mandato de Jesus a seus discípulos é de irem por todo o mundo pregar a Boa-Nova a todos os povos (cf. Mc 16,15; Mt 28,19), não apenas por palavras, mas também, se necessário, dando a vida. “A única verdade que as Escrituras nos revelam, aquela que não pode, no curso do

tempo, sofrer nenhuma desmistificação – visto que não é um enunciado experimental, lógico, metafísico, *mas sim um apelo prático* – é a verdade do amor, da *caritas*” (RORTY & VATTIMO, 2006, p. 71, grifo nosso).

Resta saber se os rituais on-line – ou qualquer outra mediação do sagrado – ajudam na manifestação dessa verdade, com todo o “apelo prático” que dela emana. Pois “é bom escutar a palavra de Deus e, portanto, anunciá-la da melhor forma possível através da narrativa e do discurso; *mas é ainda mais importante tentar colocá-la em prática*. Nesse aspecto, não mudou o *status* da verdade – *a relação entre um dizer e um fazer*” (SCHLEGEL, 2012, p. 18, grifos nossos). Ou seja, o *Logos* (dizer) *que se faz carne* (fazer).

Talvez aí se encontre um ponto relevante para futuras reflexões: na mediação do sistema digital, há possibilidades e impossibilidades; facetas do sagrado que mais se manifestam, e outras que se manifestam menos; experiências religiosas que são fomentadas, e outras que não o são. E tudo isso marcado por determinações e escolhas de cada usuário, do programador de cada site, do próprio sistema católico on-line como um todo. Ou seja, o risco é “perder de vista a diversidade [das manifestações do sagrado], aumentar a intolerância [inter e extraeclesial], fechar-se à novidade [que também vem do próprio Espírito], ao imprevisto que foge dos meus esquemas relacionais ou mentais” (SPADARO, 2013, p. 227), criando “bolhas” ou “guetos” de pessoas e informações, conforme o autor, que correspondem às minhas ideias, sem qualquer abertura à alteridade e à diferença. Portanto, a oferta de experiência religiosa na internet também apresenta “limitações ao sagrado”, e o risco é de não perceber que “a linguagem sobre Deus é uma das mais difíceis e perigosas com que trabalhar, porque *pode resultar em estruturas opressivas ou ser um trampolim para a libertação*” (HUNT, 2012, p. 6, grifos nossos).

Em seu sentido teológico mais profundo, *communicatio* (comunicação) e *communio* (comunhão) estão intrinsecamente relacionadas e compartilham um mesmo radical: *mun* (ambiente comum compartilhado) e *munus* (dom recíproco) (cf.

EILERS, 2013). Para a fé cristã, Deus não comunica “algo”, mas sim Ele mesmo. É nesse sentido que Santo Agostinho poderá afirmar: “Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus”.⁷ Por isso, a encarnação é o *sacramento da comunicação por excelência*: Deus se autocomunica a um “outro”, se “aliena” (cf. RAHNER, 1969), “sai de si”, “o Mistério se faz o outro” (BOFF, 2011, p. 39), convidando-nos a também fazer o mesmo com relação aos “outros” – especialmente os mais pobres, famintos, sedentos, estrangeiros, nus, doentes, presos (cf. Mt 25,31-46) – que nos circundam. Só assim é que a comunicação-comunhão divino-humana gera a *koinonia*, em que todos compartilham os mesmos sentimentos (cf. At 1,14), vivem a comunhão fraterna, partindo o pão e a oração (cf. At 2,42) e colocando todas as coisas em comum (cf. At 2,44).

Concluindo, fica a pergunta: os sites católicos, seus rituais on-line ou as práticas católicas difusas nas redes sociodigitais conseguem promover – embora com suas limitações e na tentativa séria de superá-las – um pouco dessa *koinonia*, desafiando os fiéis a construir um ambiente comum (*mun*) e a doar-se reciprocamente pelo próximo (*munus*)? O desafio é tornar a rede – ao menos em suas redes e conexões católicas – “um lugar de diálogo aberto, de reconhecimento da diversidade cultural e das diferenças”, promovendo o encontro dos fiéis “com as instâncias da contemporaneidade [para] que a pessoa de fé sinta a necessidade de rezar mais e de aprofundar melhor o conhecimento da fé” (SPADARO, 2013, p. 228).

Sem dúvida, “a prática popular [hoje midiatisada], em seus distanciamentos e liberdade, é um lugar importante de escuta” (DUQUOC, 2006, p. 78) dos pesquisadores de todas as áreas interessadas.⁸ O “sinal dos tempos” da midiatisação da religião está aí, manifestando-se com cada vez mais força e demandando de nós uma postura pastoral atenciosa, reflexiva, crítica e principalmente responsável.

7. AGOSTINHO. *Sermo 13 de Tempore*: PL 39, 1097-1098.

8. Como indica a teóloga Nelle Morton, no princípio, não era o Verbo, mas sim o grande Ouvido inclinado para escutar e ouvir. No princípio era o escutar – eis o nosso desafio como pesquisadores e como Igreja. “Antes de falar, vem a disposição de ouvir. É uma inversão completa da sequência habitual na comunicação, pois o ouvinte, e não o falante, tem o poder de iniciar [...] essa é a maneira de Deus ser” (HUNT, 2012, p. 9). Por isso, para além de Palavra, Morton “sugeriu que o papel primeiro de Deus é escutar. Imaginem-se as inúmeras implicações dessa inversão de papéis” (HUNT, 2012, p. 9), não apenas para a vida eclesial.



- BENTO XVI. *Verbum Domini*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, Vaticano, 2010, s/p. Disponível em <<http://migre.me/99V6D>>.
- _____. *Declaratio*. Vaticano, 2013, s/p. Disponível em: <<http://migre.me/drEzE>>.
- BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Campinas: Verus, 2002.
- _____. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). *Mediação e mediatização*. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 31-52.
- BRASHER, Brenda E. *Give me that online religion*. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004.
- DUQUOC, Christian. *A teologia no exílio: o desafio da sobrevivência da teologia na cultura contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- EILERS, Franz-Josef. *Communication theology*. Some considerations. Texto postado no site do St. Joseph Freinademetz Communication Center (JFCC), no link Resources. Disponível em: <<http://migre.me/drESz>>. Acesso em: 28 fev. 2013.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOMES, Pedro Gilberto. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades: dimensões históricas. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, n. 8, 2004.
- GRILLO, Andrea. Segni, riti e atto di fede nel cyberspazio. Internet come “atto secondo” e come “atto primo”. *Credere Oggi*. Pádua: Messaggero di S. Antonio Editrice, n. 183, mai-jun., pp. 29-43, 2011.
- HJARVARD, Stig. The mediatization of religion. A theory of the media as agents of religious change. *Northern Lights*, Copenhagen, vol. 6, 2008, p. 9-26. Disponível em: <<http://migre.me/8S8PV>>.
- HUNT, Mary E. Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano IX, n. 66, 2012.
- HOOVER, Stewart M. *Media and religion*. White paper from the Center for Media, Religion, and Culture. Boulder: CMRC, 2008. Disponível em <<http://migre.me/8UUZT>>.

- LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. London: The MIT Press, 2000.
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago (org.). *O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.
- SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosa na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.
- _____. *@Pontifex e os sacros tuítes: as redes sociais digitais segundo Bento XVI*. São Leopoldo, 30 jan. 2013. Artigo postado no site do Instituto Humanitas Unisinos, no link Notícias. Disponível em: <<http://migre.me/ds1SZ>>.
- SCHLEGEL, Jean-Louis. Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano IX, n. 68, 2012.
- SPADARO, Antonio. Il Papa, Twitter e lo spazio digitale. *La Civiltà Cattolica*, Roma, ano 164, v. I, n. 3903, pp. 220-233, 2 fev. 2013.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.



1. Sua comunidade/província provoca o diálogo sobre a missão e a pastoral nas redes digitais?
2. Como enfrentar os desafios dessa nova realidade, em que os questionamentos do ambiente digital parecem ser sufocantes, especialmente para a vida espiritual e também eclesial?
3. Os sites católicos, seus rituais on-line ou as práticas católicas difusas nas redes sociodigitais conseguem promover a *koinonia*, desafiando os fiéis a construir um ambiente comum (*mun*) e a doar-se reciprocamente pelo próximo (*munus*)?

Que espaço de fronteira se abre para nós?

O processo de globalização aproximou não apenas capital, tecnologia, mercadorias e serviços, mas também pessoas, culturas, povos e nações. Além de “aldeia global”, o mundo tornou-se ao mesmo tempo mais rico e mais desafiador. Duas características desse processo batem hoje à porta de todas as comunidades da Vida Religiosa Consagrada (VRC): o reavivamento do sagrado ou das experiências místicas, por um lado, e, por outro, a diversidade e o pluralismo cultural e religioso que, como uma onda, se espalha por toda a terra. Nem precisaria acrescentar que ambas se entrelaçam e são indissociáveis. Tais experiências, por outro lado, adquirem hoje os mais diversos temperos, algumas fortemente marcadas por um exotismo exagerado. Os parágrafos que seguem pressupõem ambos os aspectos – ressurgimento e pluralismo religioso – como ingredientes básicos da chamada sociedade contemporânea ou pós-moderna.

Duas imagens ajudam a entender esse panorama cultural e religioso, ao mesmo tempo tão complexo e diferenciado. Fala-se, em primeiro lugar, de um mosaico no qual se agrupam, às vezes, de forma impermeável uns em relação aos outros, uma série de caminhos de espiritualidade. Muito em evidência, por exemplo, é a entrada nos países do Ocidente de alguns “orientalismos” bem notórios e de longa trajetória histórica, como o budismo, o confucionismo etc. A segunda imagem vem da figura geométrica do poliedro, para significar que semelhante ressurgimento do sagrado emerge com uma gama de luzes e sombras sobre a qual é difícil, se não impossível, traçar uma visão de conjunto. O leque de

* Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS, é assessor das Pastoris Sociais.

enfoques tende muito mais a uma dispersão centrífuga do que a um movimento de aproximação centrípeta. Será em meio a esses “areópagos modernos”, como veremos, que se levantará a pergunta sobre a presença da Vida Religiosa nas periferias, porões e fronteiras de uma sociedade, ao mesmo tempo, concentradora e excludente.



Começamos com uma constatação de fato: ao lado da emergência ou “retorno dos deuses”, os laços interpessoais e comunitários parecem menos sólidos, menos profundos e menos duradouros. Ao mesmo tempo em que diminuem os contatos reais e concretos, cresce a passos largos a comunicação virtual, a distância. As relações humanas se tornam aparentemente mais superficiais, instáveis, voláteis e descartáveis. Semelhante contexto nos remete aos estudos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman¹ sobre a modernidade, a vida, o amor, o medo... *líquidos!* Este adjetivo, utilizado em boa parte de seus livros, traduz uma espécie de derretimento do *contrato social*, sobre o qual se assentavam os fundamentos, valores, normas e instituições da sociedade moderna. Tudo parece desfazer-se, escorregar entre os dedos.

Mas o mesmo estado de coisas remete também a um certo mal-estar, uma lacuna generalizada, uma falta de sentido para a própria existência, a qual se manifesta nas obras de outro autor, o filósofo e sociólogo francês Gilles Lipovetsky,² especialmente sob os títulos *O império do efêmero* e *A era do vazio*. Daí a hipótese de que estaríamos atravessando, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, uma fase crítica. Mais do que uma época de mudança, tratar-se-á de uma mudança de época ou mudança epocal. Ou ainda, uma transição de paradigma, na linha do filósofo francês Jean-François Lyotard,³ em seu estudo sobre *A condição pós-moderna*.

Chegamos assim a um verdadeiro paradoxo que intriga a todos e, de forma particular, a Vida Religiosa Consagrada. Por uma parte, verifica-se um aumento sem precedentes dos

1. BAUMAN, Zygmunt. O autor publicou uma série de livros com o adjetivo líquido no título, entre os quais podemos destacar *Modernidade líquida*, *Vida líquida*, *Amor líquido*, *Medo líquido*.

2. LIPOVETSKY, Gilles. As duas obras citadas – *O império do efêmero* e *A era do vazio* – tratam de estudar o fenômeno da moda e de sua transitoriedade e vacuidade.

3. LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Lisboa, Portugal: Gradiva publicações, 1989. (Coleção *trajectos*).

instrumentos de comunicação, com a tecnologia de ponta mais avançada (inovações na TV, telefone celular, Internet, redes sociais...); por outra parte, em proporção inversa, decrescem os relacionamentos pessoais e familiares, comunitários e sociais. Disso resulta que, no interior da própria comunidade, um de seus membros pode conectar-se em tempo real com os quatro cantos do Planeta e, ao mesmo tempo, ignorar o coirmão ou coirmã que convive debaixo do mesmo teto. Ou seja, mesmo no interior da Vida Religiosa prevalecem as “conversas” por e-mail ou através do facebook e outras redes sociais, em detrimento do contato tu-a-tu, cara-a-cara, olho-no-olho. O toque sobre a tecla substitui o toque corporal do irmão, amigo, companheiro.

Faz parte do mesmo paradoxo o fato de que os meios de comunicação social aproximam pessoas, culturas, povos e nações, mas, simultaneamente, é inegável a sensação de que nos sentimos cada vez mais distantes uns dos outros. A cada dia, particularmente no mundo urbano, tropeçamos com “os mil rostos do outro”; enfrentamos juntos as filas de rodoviárias, aeroportos e outros ambientes; disputamos espaço no metrô, trem, ônibus ou cinemas e teatros... Mas, como uma chaga viva e aberta, somos atormentados por um sentimento de solidão, de isolamento, de abandono. Não é fácil escapar à ideia de que, em meio à multidão anônima, nos tornamos órfãos, sós e perdidos, mesmo (ou às vezes, sobretudo) nas residências da VRC. Anomia, anonimato e pânico convertem-se em enfermidades crônicas.

Neste cenário complexo e velozmente urbanizado, faz sentido o “retorno do sagrado ou da mística”, como uma tentativa de reorientação num mundo fragmentado e sem balizas ou referenciais, num céu sem estrelas e onde o chão parece fugir debaixo dos pés, como diria Simone De Beauvoir. A crise se agrava quando nossas perguntas se tornam maiores que a capacidade de encontrar resposta. As dúvidas substituem as certezas, novas interrogações tomam o lugar das verdades. Estas, em meio a uma agitação febril, convertem-se em opiniões, hipóteses ou simples argumentos. As regras tradicionais (e por isso até então “sagradas”) dão lugar

à sede de novidades. O preço dessa mudança é a emergência incômoda da pergunta fundamental: quem sou, de onde vim, para onde vou? Pergunta que nos reporta à necessidade premente de remarcar a própria identidade, seja esta de caráter pessoal, comunitário, religioso, social ou profissional.

A VRC, obviamente, não está acima nem além desse contexto em contínua efervescência e transformação. “As alegrias e esperanças, as tristezas e angústias”,⁴ bem como a euforia e os fracassos, as lutas e sonhos, os embates e contradições que, neste momento de mudança, dilaceram a sociedade e suas instituições, dilaceram igualmente as casas religiosas e seus aturdidos moradores. Isto é, dilaceram cada um de nós no mais íntimo das entranhas, estejamos dentro ou fora da Igreja. Do ponto de vista da VRC, impõem-se alguns desafios e questionamentos sobre os quais nos debruçaremos mais detalhadamente.



A Vida Religiosa, ao longo de sua longa trajetória, evidentemente não possui o monopólio sobre o discernimento dos “sinais dos tempos”. Mas essa expressão, extraída diretamente do Evangelho (Mt 11,1-4) representa uma das exigências basilares do seguimento de Jesus Cristo. Alguém dizia que, ao lado da Bíblia e da Liturgia das Horas, o religioso deveria estar sempre conectado ao noticiário cotidiano. Observação tanto mais válida quando nos damos conta do ritmo alucinado das transformações socioeconômicas ou político-culturais. Tamanha é a velocidade das mudanças que “nada parece mais velho que o jornal de ontem”! Já na passagem do mundo medieval ao mundo moderno, o “novo” substituiu o peso da herança ou tradição como componente altamente valorativo. Nos dias atuais, da mesma forma que a cada manhã se espera o surgimento do sol, também se aguarda com ansiedade os acontecimentos de última hora.

Os avanços, porém, costumam vir acompanhados de instabilidade e insegurança, incertezas e contradições. O anseio

4. VATICANO II, Constituição Pastoral para a Igreja no Mundo de Hoje, *Gaudium et Spes*, n. 1.

pelas novidades mistura-se a um vago temor, pois elas representam sempre um terreno desconhecido e às vezes incontrolável. Toda mudança comporta boa dose de medo e ambiguidade. Alguns exemplos: a tecnologia mais sofisticada, nos tempos que correm, coexiste tranquilamente com relações de trabalho análogas à escravidão. Isso para nem sequer falar do tráfico de seres humanos, tema da Campanha da Fraternidade de 2014, promovida pela Conferência Episcopal brasileira. A pobreza, miséria e fome convivem com o luxo e o desperdício; modernos arranha-céus de concreto e vidro disputam a paisagem com favelas sem qualquer tipo de infraestrutura. Nesse quadro mais amplo de globalização, pós-modernidade e ausência de referências sólidas, os valores culturais, morais e religiosos se veem confrontados a todo instante. Persiste o individualismo mais exacerbado, ao lado de um hedonismo crescente e da fragmentação da pessoa humana. Fragmentam-se igualmente instituições tradicionais como o matrimônio, a família, a amizade, a educação, o partido político, a magistratura etc.

Disso resulta a profusão de experiências místico-espirituais ou, como vimos, o “retorno dos deuses” no plural. Mais do que a indiferença pura e simples ou a ausência de deuses, verifica-se em muitos lugares a proliferação dos mesmos. Paradoxalmente, o processo de secularização vem misturado a um ressurgimento de movimentos religiosos de todas as cores e sabores, de todas as tendências e formas de espiritualismo. Aqui sem dúvida coloca-se um grande desafio para a Igreja e para a VRC: em meio a essa “multidão de deuses”, como identificar o rosto do Deus de Jesus Cristo, que este, na intimidade, chamava de *Abbá*? Mais difícil ainda: como levar adiante um ecumenismo sério e consequente com a proposta do Reino de Deus, e ao mesmo tempo apostar no diálogo inter-religioso?

Além disso, tanto nos ambientes religiosos quanto na sociedade em geral, em lugar de opções de vida consolidadas e duradouras, tende-se a “experimentos” temporários e transitórios. Toma-se uma decisão na vida e... “bem, se não der certo... parto para outra”! Noivado, matrimônio, amizade,

consagração religiosa e contratos de uma forma generalizada parecem sofrer dessa provisoriedade corrosiva. Os laços e relações, antes tidos como compromissos invioláveis de ambas as partes, padecem atualmente dessa tendência a desmanchar-se diante da primeira adversidade. Em lugar de enfrentar a realidade, procura-se escamotear suas tensões mais agudas. A paciência e o diálogo dão lugar a uma espécie de analgésico válido para todas as situações de conflito, analgésico que pode ser encontrado em qualquer esquina, farmácia ou supermercado, para não falar das experiências místicas ao alcance de todos os gostos.

Nesse terreno ambíguo e escorregadio, como aplicar a advertência de Jesus na leitura dos “sinais dos tempos”? Da mesma forma que a pergunta, a resposta tem uma dupla direção, *ad intra* e *ad extra* da VRC. *Ad intra*, os próprios votos religiosos sofrem dessa enfermidade onde tudo é transitório e descartável. O que significa efetivamente “emitir a profissão perpétua”? De fato, a expressão “para toda a vida” parece banida do vocabulário pós-moderno, particularmente entre as novas gerações. O experimento, como dizíamos anteriormente, tende a tomar o lugar de um compromisso definitivo, envolvendo a existência no seu conjunto. Tal estado de coisas requer um redimensionamento dos chamados conselhos evangélicos numa linha menos sombria e negativa, sem, contudo, banalizar sua importância.

Concretamente falando, os votos podem e devem ser apresentados de forma alternativa à vida de muitas pessoas, as quais parecem sobreviver sem um significado mais profundo e verdadeiro. Assim, a *pobreza evangélica* torna-se sinônimo de relativização de uma série de coisas cobiçadas, mas enganosas, uma vez que se descobriu o “tesouro escondido no campo”. Diferencia-se o essencial daquilo que é secundário e, por isso, vem em segundo plano. Trata-se, portanto, de uma pobreza que a longo prazo nos torna ricos, no sentido de encontrar uma motivação para a vida. A *castidade evangélica*, por sua vez, longe de um isolamento e fechamento ao mundo, abre possibilidades de relacionamentos mais livres, para além do parentesco e dos laços

de sangue. Amplia o conceito de família, como lemos nos relatos evangélicos. Quanto mais castos, mais férteis do ponto de vista das relações humano-afetivas. É uma castidade fértil, que produz muitos filhos, não da carne, mas do espírito! A *obediência evangélica*, por último, é filha direta de uma maior liberdade interior. Livre de paixões e desejos, instintos e projetos personalizados, o religioso, em diálogo com os superiores, dispõe-se à aceitação de um projeto mais amplo. Em outras palavras, obedece porque se sente livre em relação aos próprios interesses.

Em síntese, mais do que falar em renúncia, palavra carregada de tempero negativo, parece mais indicado sublinhar a descoberta positiva de um novo estilo de vida. A meu ver, deslocar o acento do conceito de *renúncia* para aquele de *descoberta* constitui um dado relevante, na medida em que, enquanto o primeiro termo é indigesto para a mentalidade contemporânea, o segundo lhe serve de estímulo. Dessa maneira, os três votos, longe de se apresentarem como três formas de “não”, representam, ao contrário, três formas de “sim”. Tudo isso combina com a vida pobre (mas rica), casta (mas fértil) e obediente (mas livre) do próprio Jesus, além de retratar o testemunho de inúmeras figuras no curso histórico da VRC.

Ler os “sinais dos tempos” *ad extra*, por outro lado, significa identificar no mundo real, urbano, multifacetado e pluricultural, bem como na comunicação direta ou virtual, novos indícios de amizade, compromisso e solidariedade com os mais necessitados. Neste caso, a tecnologia não pode ser demonizada como um mal *a priori*, mas entendida como um instrumento à disposição do ser humano. Se, de um lado, qualquer instrumento pode isolar, asfixiar e fragmentar, além de destruir determinado patrimônio cultural, de outro, também é capaz de unir e construir novas pontes de aproximação entre os seres humanos. Nessa direção, duas condições se revelam indispensáveis: abertura à criatividade das novas gerações e confiança de que elas são capazes, sim, de produzir relacionamentos e valores saudáveis – indícios de que o Reino de Deus “já” está entre nós, mas “ainda não” na sua forma definitiva.

Outro desafio tem a ver com a linguagem. Aqui é necessário reconhecer que a comunicação verbalizada, lógica e conceitual nem sempre coincide com a comunicação cotidiana, menos ainda com a comunicação virtual. De resto, a palavra racionalizada, revestida de argumentos, constitui uma parte bem reduzida de todo o campo da comunicação humana. Esta, em verdade, se dá muito mais com o olhar, o sorriso, o gesto, o toque, o abraço, a imagem, a música, a dança, a representação teatral... Na sociedade contemporânea, a linguagem se torna simultaneamente polifônica e polissêmica. *Polifônica*, porque não uma, mas várias linguagens se sobrepõem, se mesclam e se entrelaçam, fazendo parte do entendimento entre as pessoas. Também neste aspecto, o pluralismo linguístico é hoje uma realidade consolidada.

A linguagem é também *polissêmica*, porque um mesmo signo, palavra ou gesto pode ter mais de um significado, dependendo do público, do ambiente e de uma série de outras circunstâncias. Daí a necessidade de uma atenção especial ao modo de comunicar-se. Conclui-se que, em não poucos casos, os religiosos ou religiosas se comunicam numa frequência de AM, própria da tradição da VRC, enquanto a população em geral e os jovens em particular o fazem na frequência FM. Até que ponto as dificuldades relativas à promoção vocacional, à liturgia, à catequese e à pastoral em geral, para citar apenas estes exemplos, não residem exatamente nesse descompasso linguístico? Como acertar a frequência sem abdicar das exigências evangélico-proféticas?

Pluralismo

O pluralismo cultural e religioso desafia conjuntamente a sociedade, a Igreja e a VRC. Da mesma forma que pode levar a um relativismo e banalização das diferentes culturas, valores e experiências religiosas, também nos interpela a um encontro-diálogo onde todos podem sair reciprocamente enriquecidos. Em meio a essa pluralidade, e reportando-nos ainda ao tema da linguagem, vale a advertência de John. P. Meier de que “não devemos cair num dos principais erros dos desconstrucionistas: uma multiplicidade de significados

não equivale a uma ausência de significado”.⁵ Entretanto, como nos recorda a Instrução *Era Migrantes Caritas Christi* (2004), do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, na busca de um verdadeiro entendimento não é suficiente uma coexistência pacífica entre pessoas, culturas, povos e nações. De fato, argumentando sobre a temática da “inculturação”, o documento adverte: “aqui não basta a tolerância, é necessário a simpatia e, na medida do possível, o respeito da identidade cultural dos interlocutores [...]. Somente deste modo nasce o diálogo, a compreensão e a confiança. Assim a atenção ao Evangelho se faz também atenção às pessoas, à sua dignidade e liberdade. Promover a sua integridade exige empenho de fraternidade, solidariedade, serviço e justiça”.⁶

Evidencia-se a necessidade de um *salto qualitativo* do multi ao interculturalismo. Na sociedade *multicultural*, pessoas e línguas, costumes e valores distintos se acomodam pacificamente, chegando até a desenvolver uma convivência mais ou menos aceitável do ponto de vista da mútua tolerância. No fundo, porém, permanecem justapostos gavetas incommunicáveis, mais ou menos como água e azeite num mesmo recipiente. A *interculturalidade*, ao contrário, exige encontro e confronto de ideias, o que leva a um processo recíproco de depuração e purificação dos valores e contravalores. Mais do que um diálogo de palavras, pode-se falar de um diálogo de visão de mundo ou de almas, para o qual se requer abertura ao que o “outro, estranho e diferente” tem a nos oferecer e, ao mesmo tempo, disponibilidade para colocar sobre a mesa o próprio modo de ser e de pensar. Vale o ditado popular: ninguém é tão rico que nada tenha a receber, ninguém é tão pobre que nada tenha a oferecer.

É nesse encontro-diálogo que se cria um espaço novo de crescimento para ambas as partes. Chegamos assim à terceira prioridade da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) para o triênio de 2013–2016: Intecongregacionalidade e leveza: “fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão”. O processo

5. MEIER, John P. *Un ebreo marginale – ripensare il Gesù storico*, vol. 2, Mentore, messaggio e miracoli, série Biblioteca di Teologia Contemporanea, Ed. Queriniana, Brescia, 2002, p. 297.

6. *Erga migrantes caritas christi*, Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, Vaticano, Roma, 2004, n. 36.

de partilha, contudo, deve evitar dois extremos, que costumam ser também dois riscos ou duas *vias fáceis e curtas*. O primeiro é abdicar do próprio carisma e da própria história da Congregação/Instituto em favor de uma mistura indiferenciada de todas as experiências. Esse caminho facilmente leva ao relativismo dos carismas, sem dar-se conta da especificidade e da pertinência de cada um. O segundo risco é o de impor sua experiência como se fosse a melhor ou até mesmo a única, evangélica por excelência, desconsiderando o valor da diversidade, da pluralidade e da riqueza de intuições históricas.

Entre um extremo e outro – abdicação e imposição – está a *via difícil e longa* do confronto-diálogo. Dois filósofos alemães podem ser chamados ao debate. De um lado, Jurgen Habermas em sua obra *A inclusão do outro*,⁷ ambientada na Comunidade Europeia, chama a atenção para a dificuldade de exercer a democracia sobre uma sociedade heterogênea, seja do ponto de vista territorial e histórico, seja do ponto de vista linguístico e cultural. Mais fácil é fazê-lo numa sociedade homogênea em todos os sentidos. Aplicando à Vida Religiosa, emerge com força o desafio de testemunhar o Evangelho não somente a partir de um determinado carisma, e sim a partir de enfoques historicamente distintos da mesma mensagem evangélica – o que representa a exigência da intercongregacionalidade. De outro lado, a rigidez monolítica se transforma em leveza pluridimensional, em que mística e missão permeiam transversalmente a vida consagrada como um todo. Passamos de uma visão religiosa unilateral para uma abertura de horizontes bem mais ampla e abrangente, como também menos restrita e mais inclusiva.

O outro filósofo é Hans-Georg Gadamer, segundo o qual “o outro tem mais a dizer sobre mim do que sobre si mesmo”.⁸ Se entendemos o outro como pessoa, cultura ou carisma religioso, chegamos à conclusão de que o encontro-diálogo, ao mesmo tempo, depura e traz um enriquecimento recíproco. Mais do que a soma das partes, teremos uma espécie de círculo virtuoso, em forma dialética e espiral, cujo produto será uma multiplicação progressiva, seja

7. HABERMAS, J. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

8. GADAMER, H-G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

em benefício da oração e da vida comunitária, seja em benefício da atuação profética e missionária. A riqueza se multiplica não somente no interior de cada Congregação e Instituto em relação com os demais, mas especialmente na relação de todos com a tarefa de evangelizar. Podemos então falar, como o Papa João Paulo II, de “uma nova evangelização, com novos métodos, novo vigor e uma nova perspectiva”.⁹ Não custa perguntar se os encontros-diálogos intercongregacionais, em curso ou em projeto, somam ou multiplicam a ação evangelizadora no seu conjunto.



Como já assinalamos, jamais no decorrer dos tempos o “outro” esteve tão perto de nós, devido à revolução dos transportes, da comunicação e da informática. Ao mesmo tempo, porém, normalmente lidamos melhor com o “outro” distante e virtual do que com aquele que nos está vizinho, habita debaixo do mesmo teto, convive no interior da mesma comunidade, come à mesma mesa. Na verdade, a convivência cotidiana costuma corroer e desgastar os laços humanos, por mais fortes e afetivamente cimentados. Mostra-o, por exemplo, a prática diária de não poucas uniões conjugais, que terminam com a separação ou o divórcio. As coisas não são diferentes na comunidade religiosa: o fato de estar juntos, com o passar do tempo, tende a uma repetição e rotina que facilmente chegam à saturação e, conseqüentemente, à falta de respeito ou à “incompatibilidade de caráter” (muitas vezes um mero pretexto para fugir ao esforço de aproximação). A presença de um coirmão ou coirmã, no dia a dia, pode acabar por dar razão ao filósofo Sartre, para quem “o inferno são os outros”.

Como evitar isso? A resposta está na capacidade de ser criativos. O verdadeiro amor – dizem – é a arte de revelar algo de novo a cada manhã, seja no compromisso matrimonial, seja em qualquer outro tipo de relacionamento. Também neste caso, convém não esquecer que a mentalidade moderna e a realidade pós-moderna se nutrem de novidades. Não se trata, evidentemente, de jogar pela janela a

9. JOÃO PAULO II, por ocasião do grande Jubileu do Ano 2000.

tradição positiva do carisma, mas de revesti-la de uma roupagem sempre nova e atraente. Isso exige um esforço diário. O “sim” a Deus, aos coirmãos e aos pobres não é algo que se possa dar por descontado, como que definitivo desde o dia da “profissão perpétua”. Ao contrário, a cada dia deve ser renovado, ganhar sangue jovem e um vigor primaveril, independentemente da idade dos membros em questão. É essa jovialidade, entusiasmo e alegria que nos faz, a cada manhã, novos e criativos para o outro.

De onde vem semelhante comportamento? A resposta não poderia ser mais simples: da intimidade com Deus e do interior de nós mesmos. Em outras palavras, ao lado da interação fraterna, a vida comunitária se nutre de longos e profundos momentos de silêncio. Mas a esta altura devemos distinguir duas formas de silêncio. O primeiro vem da recusa de abertura e de comunicação com os outros. Leva ao isolamento e ao fechamento sobre si mesmo, quando não ao rancor e ao ódio. Neste caso, em lugar de silêncio, dever-se-ia falar de *mutismo* de mão dupla, uma vez que não fala, mas também não quer ouvir. Consiste numa atitude de autorreclusão, uma espécie de deserto infértil, despovoado, que destila veneno, cheio de palavras agressivas e olhares enviezados. Quantos religiosos e religiosas se escondem atrás desse pseudossilêncio, confundindo-o, às vezes, com oração, numa existência oblíqua, apartada e solitária!

A segunda forma de silêncio é rica, densamente habitada de lembranças agradáveis, da presença de Deus e do rosto daqueles com quem convivemos e trabalhamos. É o *silêncio da escuta*, da compreensão e da autoavaliação. Deserto fértil e povoado, capaz de produzir não tanto palavras (no plural), mas a Palavra (no singular). Em vez de um palavreado sem nexos nem objetividade, esse silêncio, e somente ele, constitui um terreno fecundo para a palavra nova, rica, criativa, amorosa e libertadora. É justamente essa palavra, filha da escuta e do silêncio, que nos renova a cada dia e nos reveste de um novo brilho, capaz de iluminar todos os recintos da casa. Vale o exemplo da lua: não tem luz própria, mas reflete os raios do sol. Assim o religioso que, mesmo não possuindo luz própria, se abre à face resplendente de Deus,

na intimidade com Jesus Cristo, tornando-se fator de iluminação para a comunidade inteira.¹⁰

Esse silêncio da escuta, porém, convida a uma relação de mão dupla. Se, de uma parte, é necessário cultivar momentos de retiro para irradiar nova luz, de outra, é preciso estar atento ao que as pessoas nos dizem, mesmo sem abrir a boca. E. Lévinas,¹¹ embora com palavras distintas, afirma que o outro é o caminho para a descoberta de minha subjetividade, ou seja, para chegar ao conhecimento de mim mesmo. Em outras palavras, a própria identidade se constrói no confronto com o outro, em um processo permanente de *face to face*. Em lugar de “inferno” ou “problema”, o outro torna-se simultaneamente um desafio e uma oportunidade para o crescimento de ambas as partes. A partilha de oração, mesa, e de experiências missionárias se converte em fruto maduro, onde a colheita, mais do que somar os esforços individuais, multiplica-os progressivamente. Repete-se o círculo virtuoso já apontado: uma dinâmica dialética e espiral conduz a um enriquecimento gradual e recíproco. Desnecessário acrescentar que, neste processo, caminhamos na contramão de uma sociedade individualista e egocêntrica, em que cada um se volta para o seu umbigo. “Sociedade atomizada” – do dizer de alguns estudiosos – onde as partículas do átomo (paixões, desejos, impulsos e energias) giram em torno do próprio núcleo.

O que vale para os religiosos e religiosas de uma determinada comunidade, vale igualmente para as Congregações e Institutos da Vida Religiosa no seu conjunto. O movimento de mão dupla, pavimentado pelo silêncio da escuta em relação aos diversos carismas e experiências históricas, mais do que levar a uma progressão aritmética, favorece, estimula e reforça uma progressão geométrica. A intercongregacionalidade multiplica o empenho de todos, quer em favor da vida contemplativa (mística/espiritual), quer em favor da profecia e da atividade sociopastoral (missão). Além disso, como já vimos, ampliando o canal estreito e único do próprio carisma (sem evidentemente abdicar de suas raízes), amplia-se também o raio de visão e de ação em favor

10. FORTE, Bruno. *Teologia della storia, saggio sulla rivelazione, l'inizio e compimento*. Ed. San Paulo, Cinisello Balsamo (Milano), 1993.

11. LÉVINAS, E. *Totalité ed Ifini*, Paris, 1961.

de uma presença mais leve, aberta e plural, num contexto onde a sede de Deus se apresenta com as mais diversas características.

De fato, nesses “areópagos modernos”, parece cada vez mais premente a sede e a necessidade do Deus Desconhecido. Como no episódio de Paulo em Atenas (At 1716-32), trata-se de um Deus que, ao mesmo tempo, se vela e se revela, convidando-nos a uma busca constante. O Deus *absconditus* (= Deus oculto) que antecipa vestígios fugazes de sua face e relâmpagos de sua luz, mas jamais se deixa cooptar e manipular pela razão humana. Justamente em semelhante contexto de sede e busca, o religioso ou religiosa pode ser um barômetro para as multidões cegas e sem rumo, “cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor”, como diz o Evangelho (Mt 9,35-38). A metáfora do barômetro, porém, pressupõe captar a direção dos ventos para indicar o rumo do porto. Eis o desafio da intercongregacionalidade: por um lado, entrar em contato com os diversos carismas, no sentido de retomar a intuição primordial de cada um, de outro, sentir a tendência de todos os movimentos e experiências religiosas, com vistas a preparar-se para orientar a energia eólica da nova evangelização neste palco de profundas transformações.



Beber em seu próprio poço é o título de um livro de Gustavo Gutierrez,¹² considerado o pai da Teologia da Libertação. Semelhante expressão faz vir à tona o fato de que o prefixo “re” tem sido amplamente utilizado nos encontros sobre a Vida Religiosa das últimas décadas. Insiste-se, entre outros, sobre termos como refundação, recriação, redefinição, ressignificação... Todos de alguma forma pressupondo um “retorno às fontes”. Trata-se, via de regra, de uma renovação da espiritualidade, da vida comunitária e da missão com base nos fundamentos ou origens da VRC em geral e de cada Congregação ou Instituto em particular. As palavras *fundamentos e origens* são entendidas aqui em duplo sentido: A Boa-Nova do Evangelho como fonte para toda a Vida

12. GUTIERREZ, Gustavo. *Beber em seu próprio poço*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

Religiosa, no seguimento de Jesus Cristo, por uma parte, e a intuição do fundador ou fundadora (carisma) como fonte historicamente localizada, por outra.

Nessa perspectiva, tendo presente, ao mesmo tempo, a prática de Jesus e o testemunho dos fundadores ou fundadoras, proponho três metáforas que podem ajudar a compreender melhor os desafios de uma intercongregacionalidade no contexto em que vivemos: montanha, casa/mesa e caminho. A *montanha* evidentemente nos remete aos momentos de oração, de meditação e de contemplação. Inúmeras vezes, nos relatos evangélicos, vemos Jesus afastar-se para um lugar à parte, isolar-se dos seguidores mais íntimos e das multidões, para encontrar-se com o Pai (= *Abbá*). Essa prática é tão comum que os discípulos não podem deixar de maravilhar-se, solicitando que lhes ensine a rezar (Lc 11,1-4), o que resulta na oração do Pai-Nosso. “Lugar à parte” pode ser o deserto, o Jardim das Oliveiras ou uma colina. Montanha aqui serve como metáfora do encontro com Deus ou da epifania – Deus que se revela a quem o procura. Reflete um dos lugares privilegiados da mística ou espiritualidade bíblica.

A *casa/mesa* refere-se ao convívio comunitário ou à construção de uma comunidade de discípulos através de momentos de intimidade e comunhão. Igualmente neste caso é notável o número de vezes que Jesus procura reunir os seus amigos sob um teto, ao redor de uma mesa. Não só, mas também participar nas refeições e festas a que era convidado ou se fazia convidar. Ilustrativos a esse respeito são os episódios da última ceia, antes da morte, e dos discípulos de Emaús, após a ressurreição (respectivamente Jo 13-17 e Lc 24,13-35). Emerge com força o conceito de comensalidade como partilha de pão e vida, antecipação do banquete eterno do Reino.¹³ Casa/mesa como lugar de encontro, de comer e simultaneamente alimentar-se dos demais comensais. Olhares e sorrisos, gestos e palavras, experiências e histórias – tudo faz parte do ritual sagrado da alimentação. O ato de comer e beber juntos predispõe à abertura recíproca e à comunhão dos fatos mais marcantes da existência.

13. Na vasta bibliografia sobre a “mesa como antecipação do banquete do Reino”, cf. especialmente JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

Enquanto a comida e a bebida nutrem o corpo, a presença do outro nutre o espírito. Impressiona o relato de João em que, após a ceia e o lava-pés, o Mestre, ao despedir-se dos amigos, deixa uma espécie de testamento espiritual, revelando nas palavras e imagens o carinho de um coração materno – verdadeiro “evangelho” dentro do Evangelho.

O *caminho*, por fim, nos apresenta o Mestre em sua prática missionária, evangélica. Entre tantos, tomemos dois exemplos. De um lado, o que os especialistas cunharam de “resumo das atividades de Jesus”. Diz o texto que “Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino e curando todo tipo de doença e enfermidade. Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9,35-36). De outro lado, o chamado “programa de Jesus”,¹⁴ onde se lê que “Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado, entrou na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,16-19). Em ambos os casos, transparece a atividade itinerante de um profeta que “percorre” os caminhos com a Boa Notícia que deve ser anunciada aos pobres, às “multidões cansadas e abatidas”.

Desnecessário acrescentar que *montanha*, *casa/mesa* e *caminho*, em maior ou menor grau, também fazem parte da intuição de nossos fundadores ou fundadoras. De fato, desenvolvimento de uma intimidade com Deus, vida de comunhão fraterna e ação missionária constituem como que três pedestais da Vida Religiosa desde os seus primórdios. O grande segredo dessas três metáforas é que elas, desde as fontes do Evangelho e dos respectivos carismas, não se excluem nem se dissociam, ao contrário, se complementam, se interpelam e interagem reciprocamente. Mais do que três

14. As expressões “resumo das atividades de Jesus” e “programa de Jesus” aparecem nos comentários da Edição Pastoral da Bíblia, Editora Paulus, São Paulo-SP.

compartimentos estanques e impermeáveis, ou três lugares físicos espaciais, estamos diante de três dimensões da mesma prática evangelizadora. Nessa prática tridimensional, vale sublinhar, Jesus e nossos antepassados na Vida Religiosa, mais do que *ter* uma Boa-Notícia, *eram* uma novidade alegre para os que não encontravam lugar na sociedade. O “Verbo que se fez carne e armou sua tenda entre nós”, fez-se também presença, esperança, solidariedade... Até que ponto nossa presença e testemunho constituem, por si só, um motivo de alegria e de Boa-Nova?

Exemplificando as metáforas, quanto mais Jesus aprofunda sua intimidade com o Pai (montanha), mais se compromete com os pobres e necessitados (caminho), buscando preparar e envolver o grupo dos discípulos (casa/mesa). E inversamente, quanto mais se lança nas pegadas dos marginalizados e excluídos, mais sente a necessidade de encontrar-se com o Pai, como também de momentos fortes de partilha do pão e da vida. Resulta que, em termos concretos, o tempo dedicado à oração e à comunhão fraterna não é tempo subtraído à missão, e sim tempo que a qualifica de forma mais profunda. Da mesma forma, o tempo da ação pastoral e da casa/mesa não deve afastar-nos da prática mística, mas conferir à espiritualidade maior sintonia com os embates de um cotidiano concreto e conflituoso. Não será a dicotomia entre essas três dimensões a maior responsável por uma espécie de Vida Religiosa esquizofrênica, triste e enfermiça? Não se deve justamente a isso – separação entre montanha, casa/mesa e caminho – a falta de vigor, de estímulo e de entusiasmo missionário? E conseqüentemente, a falta de vocações?



O movimento de retomar o espírito das origens deve distinguir-se do saudosismo doentio em relação a um suposto passado paradisíaco. O prefixo “re”, como ficou claro, convida-nos a beber das fontes, não para estacionar num dado momento da história, mas para abrir novas fronteiras. Da

mesma forma que a visita ao museu, revisitar a fonte serve para revigorar as energias e pôr-se novamente a caminho. Convém tomar consciência de que toda crise é ambígua: tanto pode nos levar ao berço, ao colo da mãe, ao museu ou até a anulação da existência (Jeremias e Jonas, por exemplo), quanto nos lançar à encruzilhada. Com efeito, enquanto a crise, em seu aspecto negativo, nos deixa em pranto, deprimidos e de cabeça baixa, a encruzilhada coloca-nos diante de um duplo desafio: pressupõe a abertura de novos caminhos e, ao mesmo tempo, exige uma tomada de decisão. A encruzilhada constitui o lado positivo da crise, na medida em que nos faz levantar a cabeça, discernir as várias alternativas e optar por uma delas.

Tomando emprestada uma observação do teólogo alemão Jurgen Moltman,¹⁵ podemos afirmar que o conceito de *crise* supõe uma ordem a ser reestabelecida o mais rápido possível ou um *status quo* a ser conservado a todo custo. O conceito de *encruzilhada*, em contrapartida, descortina a existência de vários horizontes e, portanto, a possibilidade de escolha em vista de uma ação transformadora. No primeiro caso, a história tende a fechar-se sobre si mesma, numa compreensão cíclica e repetitiva (círculo vicioso); no segundo, seu destino permanece aberto às novas potencialidades que estão em jogo, requer um passo à frente, uma decisão que sempre pode acolher novas perspectivas direcionadas a um fim. Na concepção de história como crise, o “novo” é sempre um perigo a ser exorcizado, ao passo que na concepção de história como encruzilhada o “novo” traz embutida uma oportunidade de avanço. Na longa travessia do Povo de Israel pelo deserto, pelo êxodo e pela diáspora, Deus irrompe na história, quebrando com os padrões tirânicos da mesmice e “derrubando os tiranos de seus tronos”.

Por isso é que, enquanto a visão de crise tende a ser retrógrada, a de encruzilhada aponta veredas libertadoras e revolucionárias. Em termos mais concretos, num primeiro momento a crise nos leva ao berço e nos deixa cegos, mudos e surdos. Em seguida, costuma deixar aí apenas os mais pessimistas, derrotistas e duros de coração. Mas estimula

15. MOLTMAN, Jurgen, *Teologia della speranza*. Brescia: Ed. Queriniana, 1970, p. 267. (Série Biblioteca di Teologia Contemporânea).

as pessoas de fé e esperança a enxugar as lágrimas, abrir os olhos, a boca e os ouvidos, e avançar decididamente para a fronteira. Esta, ao longo da história, tem sido o lugar do religioso ou religiosa, pois é nela que os pobres são atirados e esquecidos pelas forças dominantes, as quais os obrigam a migrar e a tomar novas decisões a cada curva do caminho. Sórdidos porões e longínquas periferias costumam ser a fronteira onde a enorme “multidão dos sem” reinventa a sobrevivência, a vida e a solidariedade. Até que ponto é também a fronteira da Vida Religiosa inserida?

Para concluir, escutemos as palavras do Papa Francisco: “Como gostaria de uma Igreja pobre para os pobres, os mais necessitados, os últimos”.¹⁶ Palavras que sublinham, contemporaneamente, um desejo e um desafio. O *desejo* encontra-se expresso na própria formulação da frase; quanto ao *desafio* vem da consciência das resistências com que haverá de tropeçar na concretização dessa utopia. Cabe a pergunta: em termos pessoais, congregacionais ou intercongregacionais – estamos caminhando para o berço, para o passado e o museu, ou, a partir da encruzilhada, estamos dispostos a desvendar novas fronteiras? Com nosso testemunho, “sem jamais esquecer a bondade e a ternura” (para usar outra expressão do Pontífice), somos capazes de manter viva a utopia do Reino de Deus, de uma Boa-Nova para os pobres? Ou melhor, a exemplo de Jesus, *somos* (ou apenas temos) uma Boa-Notícia hoje para os sedentos e famintos de justiça e trabalho, chão e pão? Para nosso ponto final, sirvo-me das palavras de Enzo Bianchi: “A Vida Religiosa, na intenção dos fundadores/as, é sempre vida marcada por uma diferença que lhe vem do Evangelho; é uma vida humana, humaníssima, uma obra de arte antropológica, mas outra, diferente, intenta a mostrar que o impossível é possível, que o utópico, o sem lugar (u-tópos) encontra pela força do Espírito Santo um lugar de encarnação em uma comunidade”.¹⁷

16. PAPA FRANCISCO, em meio a uma “Conferenza Stampa”, realizada em Roma, logo após a sua eleição para a cátedra de Pedro.

17. BIANCHI, Enzo. *Non siamo migliori – la vita religiosa nella chiesa, tra gli uomini*. Magnano: Edizioni Qiqajon (BI) 2002, 30. Comunità di Bose.



1. Em termos pessoais, congregacionais ou intercongregacionais – estamos caminhando para o berço, para o passado e o museu ou, a partir da encruzilhada, estamos dispostos a desvendar novas fronteiras?
2. Com nosso testemunho, “sem jamais esquecer a bondade e a ternura” (para usar a expressão do Pontífice), somos capazes de manter viva a utopia do Reino de Deus, de uma Boa-Nova para os pobres?
3. Ou melhor, a exemplo de Jesus, *somos* (ou apenas temos) uma Boa-Notícia hoje para os sedentos e famintos de justiça e trabalho, chão e pão?



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.